



No exato local da caatinga onde Lamarca e seu companheiro Zequinha foram mortos surgirá um memorial

EDIÇÃO COMEMORATIVA DOS 30 ANOS DO JORNAL LABORATÓRIO DA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UnB

campus

O QUE RESTOU DA AVENTURA GUERRILHEIRA NO SERTÃO

Quase três décadas depois, as marcas e histórias na região da Bahia onde o capitão Carlos Lamarca tentou montar uma base do movimento armado de esquerda e foi morto pelas forças do governo militar.

Buriti Cristallino, terra de ninguém

Personagens históricos lembram do terror provocado pelo aparato policial militar. Os tiros disparados contra Odeirio Barreto e a casa de seu pai, seu Zé Barreto, no dia 28 de agosto de 1971, ainda estão na memória da pequena população que restou, de 30 habitantes, assim como os gritos do dor que ecoavam das sessões de tortura. Do cenário da guerrilha, sobravam 17 casas - algumas abandonadas - em volta de um galpão central e uma igreja, visitada por um padre de três em três meses. Não há comércio local e a população às vezes é obrigada a viajar a pé ou em jumento de jeque por quase quatro horas para chegar a Brotas de Macaúbas, centro econômico da região.

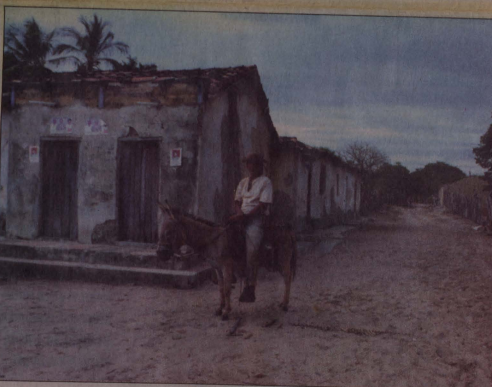
CONFIRA NA PÁGINA 4

Carlos Lamarca



Disciplinado, dedicado à carreira militar e excelente atirador, o capitão Carlos Lamarca desertou do exército em 1969 para se tornar um dos símbolos da resistência ao regime militar instalado no Brasil a partir de 1964. Integrou a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8). Participou de assalto a bancos e do sequestro do embaixador suíço Giovanni Bucher, em 1970. Rápidamente, no Vale da Ribeira, Interior de São Paulo. Foi uma operação humilhante para os militares. Em 17 de setembro de 1971, no sertão da Bahia, Lamarca morreu dormindo, sem esboçar qualquer reação.

CONFIRA NA PÁGINA 3



Casas fechadas e nenhum comércio compõem o paisagem desolada de Buriti Cristallino

Seu memorial está instalado no cemitério



O companheiro do capitão

Zequinha foi o grande companheiro e ajudante de Lamarca no sertão da Bahia. Nascido em Buriti Cristallino, era conhecido e admirado por todos. Moradores de Brotas de Macaúbas e região viam Zequinha como o verdadeiro herói do alvoreço de 1971. Poucos conhecem a história de Lamarca, mas a trajetória do filho da terra, desde o seminário do padre em Pernambuco, até a volta a Buriti. Já faz parte do imaginário local.

CONFIRA NA PÁGINA 11

Os dramas de Brotas de Macaúbas

Hoje, as mortes do capitão Lamarca e de José Campos Barreto, o Zequinha, são uma página na história dos brotenses, que têm de se preocupar com todo tipo de dificuldades, desde a crônica falta de água, até um surto de dengue que ameaça a cidade. O prefeito Antônio Kiebert é acusado de desvio de verbas e compra de votos. Argumenta que tudo não passa de "inveja da oposição" e vai administrar pela terceira vez uma cidade politicamente dividida.

CONFIRA NA PÁGINA 6

Sarcasmo em Oliveira dos Brejinhos

O ex-prefeito Francisco Gualberto deleita-se ao contar como foi grande a ajuda que deu na cidade onde o exército montou seu primeiro quartel-general, na caçada a Lamarca e seu companheiro Zequinha. Brejinhos também guarda mitos, como a suposta capacidade de que Lamarca tinha de se transformar em moita para se esconder dos militares.

CONFIRA NA PÁGINA 9

Um homem contra a história

Em sua primeira entrevista após 29 anos de silêncio, Claudino Pacheco nega ter sido responsável pela delação que resultou na morte do capitão Carlos Lamarca, no distrito de Pintada. Ele nega que tenha recebido dinheiro e afirma que, logo depois do episódio, recebeu ordens da polícia para não falar nunca mais sobre o assunto. As ordens foram cumpridas até agora, quando resolveu receber os repórteres do Campus.

CONFIRA NA PÁGINA 6

1971

UM ANO CONTURBADO PARA A CULTURA, A POLÍTICA E A ECONOMIA EM TODAS AS PARTES DO PLANETA





A idéia era que os alunos fizessem um exercício diferente do que estão acostumados: uma grande reportagem

ÍNDICE

Os últimos passos de Lamerica

3

História de uma cidade sofredora

4 + 5

Relógio entre os montanhos

6

O leito de morte

7

Um retrato do interior baiano

8 + 9

Feira na praça

10

Leito pelo quarto

11

A base dos militares

12

Memórias perdidas

13

Às margens do São Francisco

14

Um novo herói do sertão

15

A saga de um sobrevivente

16

EXPEDIENTE

Jornal Laboratório do Departamento de Jornalismo/FAC - UNB
Ano 30, nº 253, edição especial
Novembro de 2000
Campus Universitário Darcy Ribeiro,
Faculdade de Comunicação
ICC Aldeia Forte, c. postal: 44640
Brasília - DF, CEP: 70910-900

reportagem e edição:

Cláudio Henrique Azeite, Cláudio
Pereira, Igor Kachikian, Mariana
Mazze e Matheus Batta

fotografia:

Colleen Barlow, Mariana
Matos e Otávio Valente

projeto gráfico:

www.pjethot.com

coordenação de

reportagem:

David Renault

professores responsáveis:

David Renault, Márcia Marques e
Suzanna Dohel

impressão:

Correio Brasileiro

Telefone: (61) 307-2445
Fax: (61) 347-7671
e-mail: campus@unb.br

www.unb.br/fac/campus

Três décadas, duas histórias

David Renault, professor do Campus

No exatamento 30 anos, em novembro de 1970, circulava a primeira edição do Campus. O jornal-laboratório do curso de Jornalismo da Universidade de Brasília. Ao longo do tempo, transformou-se no mais importante veículo de sua categoria no país, com as mesmas características de jornal não comercial. É feito exclusivamente pelos estudantes, com orientação dos professores, e periodicidade assegurada de pelo menos cinco edições durante cada semestre letivo.

Em seus primeiros anos o Campus também sentiu o impacto do regime militar implantado no país. Era simples para o poder vigente - no caso, a administração da UnB - evitar que o jornal exercesse a sua função de imprensa livre, de informar, analisar e discutir temas de interesse da comunidade universitária. Era só não liberar recursos para a produção e impressão.

Só a partir de meados da década de 80, depois da abertura política, o jornal passou a ter periodicidade regular. Adquiriu um novo formato e estrutura de funcionamento, com a criação de um bloco de disciplinas ao qual os estudantes têm que se dedicar com exclusividade durante um semestre. Na redação, cumprem todas as etapas de produção de um jornal: da discussão e elaboração da pauta, até a apuração das reportagens, redação, fotografia, edição, editoração eletrônica, revisão e arte-final.

Há sete anos as várias máquinas de escrever da redação começaram a ser substituídas. Na falta de orçamento oficial, as assinaturas de convênios e contratos de prestação de serviços, por parte da Faculdade da Comunicação, garantiram os recursos para reformular a redação e montar uma moderna rede de computadores, onde já se produz, também, num fase experimental, o Campus On Line. Ainda falta muito - uma estrutura gráfica que dê o mínimo de autonomia, por exemplo - mas já foi um grande avanço.

Há muito tempo a linha editorial do Campus é direcionada para tratar prioritariamente de assuntos de interesse da comunidade universitária, para a qual é distribuída a maior parte de sua tiragem de quatro mil exemplares por edição. E o jornal tem um princípio absolutamente consolidado e valioso: a liberdade editorial. Não é porta-voz da UnB, da Faculdade de Comunicação, seu Departamento de Jornalismo e professores, nem dos estudantes. É, como deve ser, um jornal independente.

Nos últimos anos, o Campus ganhou os dois prêmios destinados à sua categoria - aos quais concorreu o melhor jornal-laboratório do Cone Sul, no Sete Universitário organizado pela PUC do Rio Grande do Sul, em 1995, e a primeira versão do Prêmio Ayrton Senna de Jornalismo, em 1998, por uma série de reportagens sobre crianças

e adolescentes no Distrito Federal.

A falta de recursos é um dos gargalos do Campus, uma vez que, até segunda ordem, não se trata de um jornal comercial que val a pena do ponto de vista da publicidade. E isso tem limitado uma série de projetos, entre eles, alguns para que os estudantes possam trabalhar, participando de grandes reportagens de campo, em outras cidades e regiões.

Desde o ano passado eu discutia com a professora Márcia Marques, que divide comigo a responsabilidade do jornal, ao lado da professora Suzanna Dohel, responsável pela fotografia, a produção de uma reportagem especial, fora de Brasília, em comemoração aos 30 anos de fundação do Campus. O projeto era enviar uma equipe de estudantes/reportérs para revisitar uma região que teve importância

na história brasileira quando o jornal estava nascendo.

Depois de fechar várias alternativas, entre a região de Kambôio, no sul do Pará, onde o PC do B tinha uma base guerrilheira no início dos anos 70, e Brotas de Macaúbas, onde foi parar o capitão Carlos Lamarca, escolhemos o sertão da Bahia, mais por uma questão de distância de Brasília (cerca de 900 quilômetros) e, consequentemente, logística e custo financeiro da operação.

Acompanhei a equipe de sete estudantes para orientar os trabalhos de apuração - com base em uma pauta previamente definida. O objetivo não era contar a história de 30 anos atrás, já bastante conhecida, mas mostrar como está hoje a região, seus personagens e os ecos da história. Tivemos, portanto, o mínimo possível em suas ações, conversas e entrevistas. Afinal, trata-se de um jornal-laboratório e a idéia é

de que os alunos fizessem um exercício bem diferente do que estão acostumados em Brasília, uma grande reportagem de campo.

Circulei por vários lugares, sozinho ou junto com os estudantes, com diversas pessoas, garimpando informações e tirando conclusões, que guardei, a princípio, para mim. Há quase 29 anos entrei numa redação do jornal com uma ficha, ainda estudante da própria UnB, e nesse longo tempo, em várias delas fiquei praticamente todas as funções que um jornalista pode exercer.

Se fosse escrever uma grande reportagem sobre o que vi na semana que passei com os estudantes no sertão da Bahia, seria muito parecida com o que publicamos nesta edição especial. Para mim - em abundância - é uma

prova da qualidade do curso de Jornalismo da UnB. É a confirmação, mais uma vez, de que uma máxima que sempre gostei de usar nas redações que comandei: lugar de reportar é à rua.



David Renault

Aventura e trabalho no sertão

Quando chegamos à pequena pousada em Brotas de Macaúbas, depois de 14 horas de viagem, foi só dizer que éramos da capital federal para uma discussão sobre a política do sertão balanço começar

enfrentando a poeira e as pedras soltas nas estradas de terra, o sol escaldante, mosquitos, gafanhotos coloridos de 12 cm de comprimento que davam rasantes em nossas cabeças e, no fim, uma chuva que encharcou todo mundo. Nas várias paradas pelo caminho, encontramos muita gente disposta a falar sobre os tempos de repressão e os atuais.

Na região que fica ao redor do Pó do Morro, no caminho entre Brotas e Bariri Cristalina, tivemos diversas demonstrações da hospitalidade do povo do interior, sempre disposto a ir à roça apanhar manga madura, cana-de-açúcar e a oferecer a "cachaceira" artesanal e gostosa. Em Brotas não existe um só taxi ou veículo para locação e, por isso, vários deslocamentos dos reportérs tiveram que ser feitos em carros alugados de particulares.

Foi com dois carros alugados, aliás, que partimos para Oliveira dos Brejinhos, a cerca de 60 quilômetros de distância, na

quarta-feira, primeiro de novembro. Já estávamos ade-acostumados com os banhos frios de, no máximo, cinco minutos, consequência da falta de água em Brotas, quando encontramos uma novidade no hotel Jurema, em Oliveira: água em abundância e quente.

Chegamos às quatro da tarde e já salmos atrás de novos entrevistados. Na quinta-feira, dia de final de semana, era hora de subir novamente na carcerária de uma comunidade e partir para Cachoeira do Brandão, outro cenário por onde passaram os guerrilheiros e a repressão. De volta a Brejinhos, um rápido almoço e uma Kombi rumo a Itororaima, a última parada. Depois de 11h10 de viagem, estávamos cansados. No hotel, resolvemos jogar truco e deixar as entrevistas para a dia seguinte. Na última parada de nossa jornada pela Bahia, quando andávamos pelo centro da cidade, encontramos, por acaso, um guia. Dimas Pereira Junior, 24 anos, um moderador de Itororaima, se dispôs a nos auxiliar na busca de personagens. Em um bar, encontramos o pai do rapaz, Dimas Pereira, 62 anos. Ele nos contou um episódio da ação dos militares no local. "A casa de meu tio foi cercada pelo exército", diz. "Eles perseguiam sobre Zequinha, mas o boato era de que nesse dia ele e Lamarc tinham ido para Brotas". Segundo ele, que era vereador na época, os moradores tinham medo de sair de casa à noite, numa Itororaima sem luz elétrica.

Sábado, 4 de novembro, às nove horas da manhã tomamos o rumo de Brasília em mais um carro alugado, uma van. Finalmente, às nove da noite, na descida de Sobradinho, vimos as luzes de Brasília, com aproximadamente 40 entrevistas e 450 fotos na bagagem.



"Esse exército é podre e eu não aguento mais" - desabafo de Carlos Lamarca a sua esposa Maria Pavan, em 1966

OS ÚLTIMOS PASSOS DE LAMARCA

Em 24 de junho de 1971, o capitão Carlos Lamarca fugia do Rio de Janeiro com sua amante Iara Javelberg, por quem se apaixonou na clandestinidade

Naquele ano, Lamarca era o terrorista mais procurado pela repressão militar, que já havia eliminado outros dois grandes líderes da resistência armada: Carlos Marighella e Joaquim Câmara Ferreira, "o velho", ambos da Aliança Libertadora Nacional (ALN). Foi uma época em que a "linha dura" dos militares, encabeçada pelo presidente Garrastazu Médici, não mediu esforços para acabar com todos os focos de guerrilha que pudessem ameaçar a supremacia dos oficiais no poder.

Lamarca havia acabado de se desligar, por desavenças políticas, da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), e se integrou ao Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8). Com a repressão fechando o cerco na área urbana as organizações de esquerda começaram a pensar no campo como alternativa para o combate à ditadura.

O capitão, que se recusava a fugir para o exterior por acreditar que deveria lutar até a morte, se precisou, pela libertação do país, foi designado pelo MR-8 para comandar a formação de um foco de guerrilha rural na região meridional da Chapada Diamantina na Bahia - área de pouca importância política e econômica, onde já existia uma base de resistência organizada pelo militante José Campos Barreto, o Zequinha, com a participação de seus irmãos Olderico e Ottoniel Barreto.

O capitão, já incondicional de Mao Tse-Tung e defensor da

formação dos movimentos armados no campo, concordou em ir para o sertão baiano. Lamarca exigiu a presença de Iara na fuga, contra a vontade dos companheiros, e acabou tendo que se separar da amante na cidade de Jequié, às margens da rodovia Rio-Bahia. Ele, junto com o militante do MR-8 baiano, Zé Carlos, seguiu para a região de Brotas de Macaúbas, onde encontrariam Zequinha. Ela seguiu para Salvador.

Na beira do rio Pararamirim, que liga o Oeste da Bahia a Salvador - e hoje, nos períodos de seca não passa de uma enorme trilha de areia - Lamarca e Zé Carlos encontraram Zequinha, que tinha o codinome de "Jesse". De lá, Zé Carlos deveria seguir para Salvador, mas os três acabaram indo juntos até

Brotas, contrariando decisão da cúpula do MR-8. O fato acabaria selando o destino do capitão.

Foi na serra, no distrito do Buriti Cristalino, que Lamarca se refugiou. Ficou vivendo em uma barraca, no meio do mato, no fundo das terras de seu José Barreto, pai de Zequinha. Lá, o capitão passava os dias fazendo exercícios, escrevendo para a família e para Iara.

Articulava a retomada das ações armadas, tentando organizar a guerrilha com Zequinha, Olderico, Ottoniel e o professor

Luiz Antônio Santa Bárbara - militante de Teira de Santana, também escondido no região.

Além disso, Lamarca preparava uma ação para conscientizar a população local sobre a necessidade de organizar resistência à ditadura.

O capitão se recusava a fugir para o exterior por acreditar que deveria lutar até a morte, se necessário, pela libertação do país

No começo de agosto, um informante do exército no MR-8 arma uma emboscada para Zé Carlos em Salvador. De é preso e forçado a dar informações, os militares chegaram ao esconderijo de Iara Javelberg, que se suicidou, temendo não resistir às torturas e acabar entregando Lamarca. Com as informações de Zé Carlos, os militares começaram a caça ao capitão na região que

engloba Ibotirama, Oliveira dos Brejinhos, Ipupira e Brotas de Macaúbas.

Com o apoio das autoridades locais, sobretudo do prefeito de Oliveira dos Brejinhos, Francisco Guisberto, os militares localizaram a casa de seu José Barreto no Buriti Cristalino. No dia 28 de agosto de 1971, uma operação comandada pelo Major Correia, com a participação do delegado Sérgio Fleury, do Doi-Codi de São Paulo, um dos mais truculentos torturadores do regime militar, invadiu o Buriti de madrugada e cercou a residência dos Barreto. A ação resultou na morte de Ottoniel, no suicídio do professor Santa Bárbara e na prisão de Olderico, gravemente ferido. Aos 65 anos, seu Zé Barreto, que não tinha nada a ver com a movimentação política dos filhos, foi violentamente torturado por Fleury.

Lamarca e Zequinha, escondidos no mato, escutaram os tiros em Buriti abandonaram o acampamento e começaram uma longa jornada de fuga pelo sertão. Sempre tentavam recorrer a conhecidos a parentes de Zequinha para conseguir provisões. Por causa das ameaças, poucos foram os que se dispuseram a apoiar os fugitivos. A operação militar chegou a ficar desestabilizada, pois pensava-se que Lamarca já estaria longe naquela altura. Mas, no dia 7 de setembro, um primo de Zequinha, Antônio Virgílio, os viu e denunciou para os militares.

A operação foi retomada com força total. No dia 17, após percorrerem mais de 200 quilômetros pelo mato do sertão, os dois fugitivos foram vistos no distrito de Pintada por um garoto, que foi correndo denunciá-los ao vereador da cidade Claudimiro Pacheco, que informou a repressão. Estavam famintos, dormindo embaixo de uma grande branda, uma árvore típica da caatinga nordestina, quando chegaram os militares. Lamarca nem saiu do lugar ou reagiu, sendo sumariamente executado com uma rajada de metralhadora. Zequinha ainda tentou fugir, mas também acabou sendo morto.

O O capitão do exército Carlos Lamarca é um dos símbolos da esquerda e da resistência à ditadura instalada no Brasil depois do golpe militar de 1964. Ao mesmo tempo, carrega o estigma de "traidor", disseminado pelos militares.

Oficial exemplar, disciplinado e excelente atirador, Lamarca teve como última ação no quartel de Quitânia, em São Paulo, onde servia, a fuga com uma Kombi carregada de fuzis, morteiros e munições, no dia 25 de janeiro de 1969. Integrante do grupo armado Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), ligou-se depois ao Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8).

Lamarca nasceu em 27 de outubro de 1937, no bairro do Estácio, zona norte do Rio de Janeiro. Em 1954, aos 17 anos, ingressou na

O herói da resistência

Escola Preparatória de Cadetes, em Porto Alegre. Apesar de aplicado, chegou a ser repreendido por seus superiores - estava lendo Guerra e Paz, de Tolstói. Mantinha constante interesse por ideias comunistas, mas sempre se dedicou à carreira militar. Em 1957, chegou à Academia Militar de Agulhas Negras, no Rio de Janeiro, onde se tornou oficial.

Contra o regulamento do exército, Lamarca casou-se secretamente em 1959. Maria Pavan, sua noiva, já esperava o primeiro filho. Ela era namorada de infância e o casal manteve correspondência durante toda a trajetória militar do capitão.

Em 66, então primeiro-tenente, desafiava em casa para a esposa. Dizia estar decepcionado com o exército, que, segundo ele, reprimia o povo e a luta por seus direitos: "Esse exército é podre e eu não aguento mais". Ao entrar na clandestinidade, em 1969, mandou Maria e os dois filhos para Cuba.

Lamarca, que chegou a integrar as tropas da Organização das Nações Unidas na ocupação do Canal de Suez, em 62, liderou ações de conhecimento público no MR-8. O sequestro do embaixador suíço Giovanni Enrico Böcher, em 7 de dezembro de 1970, foi encabeçado e comandado por ele.

Capturar Lamarca tornou-se uma questão de honra para os órgãos de repressão ao movimento armado, depois que ele furou o cerco no Vale do Ribeira, no interior de São Paulo. A execução do plano foi, de certa maneira, humilhante para os militares - Lamarca e seus guerrilheiros armaram uma emboscada, capturaram um veículo do exército e fizeram cinco prisioneiros. Despiram-nos, vestiram suas fardas e, passando-se por militares, furaram as barreiras do exército. Chegando a São Paulo, deixaram o caminho na Marginal do Tietê, com os prisioneiros amarrados, amordaçados e novamente

uniformizados. Era a noite de 31 de maio de 1970 e o capitão voltava a desaparecer.

Um episódio que ficou marcado na história de Lamarca envolve a morte do tenente Paulo Mendes Júnior, na guerrilha do Vale do Ribeira. Prisioneiro do grupo de Lamarca, o tenente levou o grupo a uma emboscada, além de tentar fugir e pegar uma metralhadora. Para o capitão, o melhor a fazer era fuzilá-lo. Como os tiros despertaram a atenção dos militares que cercavam os guerrilheiros, o tenente Paulo recebeu coronhadas até morrer. O episódio demonstrava a necessidade de frieza dos guerrilheiros em alguns momentos.

Em 1996, a Justiça brasileira, sob protesto dos militares, concedeu à família de Lamarca o direito de receber indenização por seu assassinato na época da ditadura.

"Diziam que eles eram comunistas, perigosos, mas ninguém sabia que diabo era comunista", conta dona Ana

Histórias de uma cidade sofrida

Berço de Zequinha e cenário do tiroteio com os militares, Buriti Cristalino tem poucos moradores e muitas memórias

Buriti Cristalino mais parece uma cidade fantasma perdida em uma paisagem natural belíssima, formada por montanhas cobertas de pedras, rochas de cristal e a vegetação fina e seca da caatinga do sertão nordestino. Dos 300 habitantes de 1971 sobravam apenas 30, divididos em 17 casas, muitas abando-nadas, localizadas em torno de um galpão central, onde anualmente se realizava a feira nos domingos, e da igreja, na qual o padre só aparecia de três em três meses.

Tudo o comércio local acabou e agora os moradores do Buriti, para fazer compras, são obrigados a se deslocar até Brotas de Macadiba, a 18 km de distância, em uma estrada cheia de pedras e buracos, que corta as montanhas. Pela antiga estradinha de terra que liga as duas cidades, utilizada por Lamarca e Zequinha quando foram para Buriti em 1971, são 27 km de jornada, três a quatro horas a pé ou duas horas a cavalo.

O guriço nos arredores do Buriti Cristalino acabou e levou junto praticamente todos os jovens e a feira de domingo, que movimentava a economia do local até os anos 70. O vilarejo não dispõe de telefone e conta apenas com uma professora que lecionava para uma turma de oito alunos o ABC, a cartilha e os conteúdos do 1º e 4º série. Para continuar os estudos, somente em outras cidades.

Um dos personagens mais relevantes e marcantes da história da invasão do Buriti Cristalino é José Pereira de Oliveira, o Zé de Virgílio. Era o dono da principal venda do vilarejo, que oferecia desde rapadura até cachapa. Ficou conhecido como o "diplomata da roça" e assim ele era. Vários militares chegaram a dormir e cozinhar em sua casa e todos descansavam bebendo na sua vendinha.

Dona Julinda Francisca de Oliveira, sua mulher, conta que os militares humilhavam e amedrontavam a população. Ela se lembra claramente de Ottoniel (irmão de Zequinha) morto, com um buraco grande na cabeça, os cachorros lambendo-lhe o sangue. "Acorde que os urubus tío cumendo os óio do menino" (sic), ela gritava. Foi ela quem cobriu o corpo que seria enterrado mais tarde, junto ao de Santa Bárbara.

No pequeno cemitério de Buriti Cristalino há um lugar reservado para enterrar os restos de Ottoniel e Zequinha, ao lado do pai Zé Barreto. Entocado no campo de futebol que fica nos fundos da casa dos Barreto, o cemitério foi construído quando Lamarca estava na região. Foi depois de fugir do quintal da casa onde estava detido e atravessar correndo o campo, debaixo de rajadas de metralhadora, que Ottoniel caiu morto. Ele e Santa Bárbara foram desenterrados no dia seguinte, por ordem do comando da operação militar. Os dois corpos foram levados para Salvador no mesmo avião que conduzia Olicerico Barreto preso. Assim como o corpo de Zequinha, também levado para a capital da Bahia, os dos outros dois militares nunca mais foram encontrados.

Do campo de futebol de Buriti Cristalino, sem linha reta, são cerca de 1.500 metros até a área dos acampamentos montados por Lamarca e Zequinha. Tantos anos depois, nada resta indicando que ali um dia foi um acampamento guerrilheiro. A vegetação da caatinga

cobriu tudo e apenas a memória dos mais antigos, especialmente de Olicerico, identifica o local.

Zé de Virgílio e sua família faziam o que podiam para ajudar seus vizinhos da casa de José Barreto. Quando ele estava sendo torturado, Zé de Virgílio era o único que conseguia entrar na casa para lhe dar um pouco de água e alimento.

"Eles tomaram conta da nossa casa e a gente tinha que fazer o que eles mandavam lá dentro", lembra Regina Oliveira Araújo, filha de Zé de Virgílio. Com 14 anos, Regina não se amedrontava com a presença dos militares. Existem várias histórias sobre a garota que não levava medo do exército, mas ela não confirma nem desmentir nenhuma. Regina parece ser o retrato de uma população que se cala quando o assunto é a presença militar na região em 71.

Regina mora hoje em Brotas de Macadiba para que seus quatro meninos possam estudar. Ela sabe que se delatou em Buriti Cristalino não é coisa fácil. "Fui aluna de Roberto", declara, referindo-se a Luiz Antônio Santa Bárbara, militante que dava aulas à população e se matou na invasão de Buriti.

Chamado de o "diplomata da roça", Zé de Virgílio foi quem mais ajudou a família de Zé Barreto a suportar a violência dos militares.

Em troca de 10 mil cruzeiros

O livro Lamarca - o Capitão da Guerrilha conta que a repressão estava se desmobilizando na região de Brotas, achando que Lamarca e Zequinha haviam escapado para longe. Os dois foram vistos no distrito de Três Reses por um parente da família Barreto, Antônio Virgílio, que tinha propriedades por lá.

Atrás da recompensa de dez mil cruzeiros oferecida pelos militares por informações sobre os "terroristas", Virgílio correu a cavalo, até a cidade e revelou as responsáveis pela operação, que reconheceram a caçada. Se este valor tivesse sido aplicado na época em um imóvel comum, valeria hoje cerca de R\$ 15 mil.

Tinha, como Virgílio é conhecido na região, evita falar sobre o assunto. Na tarde de domingo, dia 29 de outubro, a equipe do Campus chegou, em companhia de Olicerico Barreto, a uma venda no vilarejo de Nova Santana, onde estava uma venda no vilarejo de Nova Santana, onde estava Virgílio, que vive numa casa simples no local. Assim que viu Olicerico e os estudantes, fugiu e desapareceu debaixo da chuva forte que caía. Não foi mais encontrado.

A sobrevivente que se esconde

Dona Ana Araújo Barreto, irmã de José Barreto, é a única pessoa que vive atualmente na antiga casa da família, invadida durante o cerco a Buriti Cristalino. D. Ana foi encontrada por acaso, pela equipe do Campus, no quintal da casa, onde se escondeu com vergonha, depois de avisada sobre a visita de universitários de Brasília. "Estava muito velha, muito lela, muito feia e não queria aparecer". D. Ana, que está viva e com 86 anos, disse que se lembra bem da invasão do exército e dos policiais no Buriti. "Só foi muito ruim para a cidade. O povo foi embora, acabou a feira e hoje está desse jeito ali".

A velha senhora afirma não ter noção do motivo pelo qual Lamarca e Zequinha eram perseguidos. "Diziam que eles eram comunistas, perigosos, mas ninguém sabia que diabo era comunista". No entanto, D. Ana viu de perto as consequências da ação: perdeu dois sobrinhos, viu um ser levado preso e ainda acompanhou toda a dor de seu irmão Zé Barreto, que, aos 64 anos, foi cruelmente torturado pelos militares. "Já tinham demais dóle, de um velho. Ele ficou bastante amargurado com essa história". D. Ana tem três filhos, todos morando em São Paulo, e se queixa muito da solidão em que vive. "É muito ruim ficar sozinha, parece que só estou esperando a morte".

CONTINUA NA PAGINA 5

Crisanto viu o padrinho Zé Barreto pendurado de cabeça para baixo no galpão central da cidade, acusado de esconder Lamarca e Zequinha



CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 4

Roberto era seu nome de guerra e a maioria das pessoas do local ainda o chamam assim. "Ele era um professor muito bom, fazia gincanas, teatrinhos e várias outras brincadeiras", lembra Samuel Crisanto, 38 anos, ex-morador do Buriti que também foi aluno de Santa Bárbara.

Nas manhã de 28 de agosto de 1971, o menino Crisanto, então com 9 anos, estava no Povoador de São Francisco, distante cinco quilômetros de Buriti Cristalino, fazendo farinha. Foi quando ele escutou uma rajada de metralhadora. Pouco tempo depois, ouviu no rádio: "Comandante Alca Buriti Cristalino".

Naquele dia, morreram Otacel Barreto e Santa Bárbara. Otacel foi baleado no rosto e na mão direita e amarrado a um velho pé de péqui, fruta típica da castanha e do cerrado. Quando voltou a Buriti Cristalino, Crisanto viu seu padrinho Zé Barreto pendurado de cabeça para baixo no galpão central da cidade, acusado de esconder Lamarca e Zequinha.

"Essa história deixou uma recordação muito triste e a ditadura, uma ferida muito grande", afirma Crisanto, hoje vereador eleito de Brotas. Com o olhar perdido nas lembranças, ele conta os passos dos militares nos dias que se seguiram ao ataque. "O exército foi embora no dia 1 de setembro, voltando quando surgiu a notícia de que Zequinha e Lamarca estavam na região".

De volta a Buriti, a milícia obrigou o pai de Crisanto, Abel Pereira da Silva, e Zé Barreto a ajudarem na busca pelos dois fugitivos. "Quem passou por isso nunca vai esquecer", afirma Edelzilda Pacheco da Silva, 61, a Dona Ita, mãe de Samuel. Seu marido, hoje com 80 anos, chegou a tomar veneno depois de ser interrogado pela polícia. Zequinha havia mandado uma carta endereçada a um Abel, carta de engenho na região. O mensageiro se confundiu e acabou levando a mensagem ao dono de farmácia Abel da Silva, que foi interrogado durante algumas horas para que entregasse a localização de Zequinha. Acabou confessando que eles estavam por perto, mas depois não aguentou a ideia de ter sido um delator e tentou suicídio.

Os rejeitos de crueldade do exército ainda são lembrados pela população de Buriti. Manoel José da Silva, 55 anos, primo de Zequinha, conta que teve um jequitá morto "à toa de nada". Alguns se acusavam até hoje com o barulho de helicópteros. Isso porque, para as pessoas daquele local, a presença da polícia não cessou em setembro de 1971, quando mataram Lamarca e Zequinha. Por alguns meses, o exército permaneceu lá na tentativa de apagar a história. Para isso, enviavam sacolas com comida e remédios, além de médicos para tratar da população. "Parece que eles fizeram uma lavagem no juízo da gente", desabafa Dona Ita.

Os colaboradores dos militares

Médico formado pela antiga Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, Valtér Bastos foi prefeito de Brotas de Macaúbas entre 1970 e 1972, cumprindo um "mandato tampão", imposto pela legislação do período. Bastos estava em Salvador quando soube da movimentação do exército em Brotas e procurou o capitão Lamarca. Voltando ao município, foi procurado por oficiais que lhe solicitaram ajuda material. "Concedi de pronto, não tinha condições de negar um pedido dos oficiais", afirmou.

O ex-prefeito lembra que toda a população do município ficou assombrada com a ofensiva do exército: "Nunca ninguém tinha visto uma coisa dessas por aqui". Bastos se diz revoltado com os procedimentos militares. "Qualquer coisa que se fizesse, ter consideravam um subversivo". Segundo ele, a situação de truculência gerada pelo exército era desnecessária. "Zequinha não era perigoso, se dava com todo mundo, e esse Lamarca ninguém nem conhecia por aqui".

Bastos recorda um episódio engraçado envolvendo o delegado Sérgio Fleury, ativo agente da repressão. Fleury solicitou uma mula para percorrer alguns lugares e o prefeito emprestou um animal de sua propriedade que estava acostumado a andar somente com ele. Pouco tempo depois de sair pela região montanhosa, chegou a notícia de que o animal tinha derrubado o poderoso delegado na beira de um riacho.

Outro personagem que ajudou o exército na perseguição a Zequinha e Lamarca foi o juiz Antônio Barbosa, ex-seminarista. Companheiro de Zequinha nas serestas, não precisou ser pressionado pelos militares para ajudá-lo - tratou de desfazer a imagem de amigo do fugitivo assim que soube da suspeita da polícia. Levava leite fresco para os oficiais e demonstrou-se bastante prestativo.

O mecânico Antônio Alves Dias também foi de grande ajuda aos militares. Ele havia contratado a Kombi em que Lamarca e Zequinha viajaram para Brotas de Macaúbas, após terem dormido em uma pensão no entroncamento de Brotas com a BR-242 (Bahiá-Brasília). Depois, colaborou nas buscas aos fugitivos. O dono da pensão, cuja mulher era parente de Zequinha, também ajudou com informações sobre os hóspedes.

O guia da Equipe Cão

Aposentado, com 84 anos, 35 como funcionário da delegacia municipal de Brotas de Macaúbas, o carcereiro Genésio Nunes é apontado por pessoas da região e pelo livro *O capitão da guerrilha*, como um dos principais guias dos militares no sertão na procura de Lamarca, Hoje, com uma aparência frágil e andando com certa dificuldade, Nunes afirma que não ajudou em momento algum a equipe de oficiais da ditadura. "Só recebi na carceragem dois arruaqueiros que desobedeceram os militares, não ajudaram em nada", afirmou.

Em 1971, quando Lamarca fugiu do Rio e se escondeu no sertão baiano, a delegacia de Brotas de Macaúbas tinha, além de Nunes, um delegado e dois soldados. O ex-carcereiro disse não se recordar da chegada dos militares no município. "A gente esquece das coisas... e a idade", disse. Mas afirmou que a população realmente ficou assustada, não pela bruxa movimentação dos militares, mas sim pela ameaça que Lamarca representava. Apesar de se isentar completamente de ter auxiliado o exército na busca ao capitão, Nunes afirmou não gostar muito de falar no assunto e não se deixou ser fotografado.

Enquanto recebia em sua casa de Brotas de Macaúbas a equipe do Campus, Nunes foi chamado de lado por sua esposa, com quem é casado há 61 anos, que lhe cochichava algumas instruções. Toda a entrevista foi acompanhada de perto por um de seus filhos, que interferia deliberadamente no diálogo.

Hoje, o ex-carcereiro acredita que a situação da cidade é pior do que trinta anos atrás, principalmente por conta da violência que, segundo ele, aumentou muito na região. Nunes foi atropelado quando andava a cavalo em 79. Quebrou os dois fêmures e teve que ficar por cerca de 90 dias internado num hospital em Salvador. "Tive de usar muleta, daí um pouco ainda mas pelo menos estou vivo", disse ele. Nunes conheceu Seu Zé Barreto e o filho Zequinha. Sobre a morte deste, ele diz recordar, mas sobre a tortura do pai, não lembra de nada.



Cemitério de Buriti Cristalino, construído quando Lamarca estava na região



"Eles ameaçavam de facão, mas eu não tinha medo", garante Francisco Araújo, que chegou a ser colocado num helicóptero para interrogatório

Refúgio entre as montanhas



Residência em Pé do Morro, povoado onde os fugitivos tentaram se instalar: condições geográficas perfeitas

Moradores de vilarejo ajudaram na fuga dos dois revolucionários

O vilarejo de Pé do Morro tinha um significado estratégico para Zequinha e Lamarca durante a fuga. Cercado de montanhas onde poderiam se esconder, tem, ao mesmo tempo, água em abundância e pequenas propriedades agrícolas onde poderiam

matar a fome. Sem contar que Zequinha conhecia todo mundo no local e era muito querido, como mostram até hoje os diversos testemunhos. É por isso que eles tentaram ficar por lá até que a repressão desistisse da caçada.

Francisco Araújo Sobrinho, morador de Pé do Morro, foi um grande aliado de Lamarca e Zequinha. Ele deixava os dois informados sobre a perseguição do exército. Quando inquirido pelos militares, dizia não saber o paradeiro dos guerrilheiros. A milícia chegou a colocá-lo num helicóptero para fazer perguntas e intimidá-lo. "Eles ameaçavam de facão, mas eu não tinha medo", garante.

Francisco não sabe quantos anos tem, mas acredita ter uns 70. Ele não tem carteira de identidade ou quaisquer documentos que possam

identificá-lo. É natural de Pé do Morro mesmo. Já foi a São Paulo visitar o irmão. "Se ele (o irmão) estivesse vivo, eu estaria lá". Vive, Francisco tem três filhos, diz. "Se encontrar uma mulher de boa vontade, ainda apanho".

Francisco estava na casa de Oldemar Batista, batendo um papo e tomando uma "cachacinha" quando chegaram. Como a maioria das cidades do interior, a pinga é a grande companheira dos habitantes da região. Fabricada em pequenos engenhos particulares, ela é vendida a R\$ 0,50 em todos os botecos. "É da boa", afirma Oldemar sobre a branquinha que fez questão de oferecer a todos os repórteres.

Quando Lamarca e Zequinha morreram, Oldemar tinha pouco mais de cinco anos e morava na cidade mineira de Teófilo Otoni. Os parentes do sertão chegaram a Minas Gerais falando sobre os guerrilheiros. "Cresci ouvindo a história do capitão", diz.

A saga dos companheiros de guerrilha mortos pela ditadura assombrava o menino Oldemar. "Depois de grande, passei muito tempo em biblioteca estudando a vida de Lamarca". Atualmente, ele ouve as lendas que os moradores do povoado espalham. Uma delas afirma que o capitão virava onça e se escondia no mato. Outra, que Lamarca passava no meio dos militares armados e ninguém o via.

Oldemar mudou-se para Pé do Morro em maio. O pai dele, que morava no local, morreu no início do ano e deixou um terreno lá. "Um dar uma olhada na casa e fique", diz. Ele cuida de uma "rocinha" nos fundos do terreno e de um "botoequinho", dentro da residência. Todo fim-de-semana tem forro na sala-de-estar. Sobre a família, ele conta: "Tenho mulher e filha, que moram em Governador Valadares (MG)". De dois em dois meses, ele vai visitá-las.

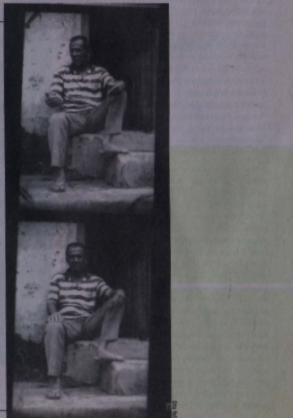
O canavieiro que deu rapadura ao capitão

Na tarde do dia 7 de setembro de 1971, Francisco Maciel de Araújo, morador do distrito de Lagoa do Maciel - próximo a Brotas de Macaúbas -, estava trabalhando com outros dois colegas num engenho de cana quando viu duas pessoas, "suas e famintas" se aproximarem. Uma, rapidamente ele reconheceu Zequinha, amigo antigo de farra na região. A outra só podia ser aquela que exército queria pegar de qualquer jeito: o capitão Lamarca. Maciel, que naquela altura tinha sofrido ameaça idôneas para entregar imediatamente os dois fugitivos, decidiu ajudá-los.

Deu rapadura e água para os dois. "Lamarca disse que nunca tinha visto rapadura", lembra. Mas ele pediu para os fugitivos não ficarem ali por muito tempo. "Eu disse a eles para ir embora. A gente estava muito apavorado com as ameaças dos militares", afirmou. Segundo Maciel, os dois foram sem reclamar. "Eram pessoas compreensivas com a situação que o povo estava vivendo."

O canavieiro foi um dos poucos da região que chegaram a ver Lamarca pessoalmente. "Me pareceu uma pessoa muito simples, muito simpática. Era um cara bacana", recorda. Para Maciel, a luta dos dois era muito justa. "Eles queriam que os pequenos, os oprimidos, tivessem chance na vida", afirmou. Ele ainda fica indignado com a maneira que a repressão caracterizou seu amigo Zequinha. "Falavam coisas horríveis dele, coisas que não existiam. Zequinha era uma pessoa muito boa."

Para Maciel, a luta de Lamarca e Zequinha também deixou marcas positivas na região. "O povo está um pouco mais consciente dos seus direitos, mas a situação aqui ainda é muito ruim", afirmou. Sobre o antigo de rodas de violão morto pelo exército, o canavieiro acredita que seria uma grande liderança na região, que muito poderia colaborar para a melhoria de vida do povo. "Zequinha seria um ótimo político. Ele era inteligente, tinha formação, vestuário de lutar e conhecia a fundo os problemas da região."





Claudimiro Pacheco contesta o estigma de delator que carrega até hoje: "A polícia já vinha no rastro deles"

O leite de morte

DISTRITO ONDE LAMARCA MORREU SOFRE COM A FALTA DE ÁGUA E A POBREZA

A paisagem pobre e seca de Pintada dá ao vilarejo um visual característico do sertão nordestino. Dos locais visitados pela equipe de reportagem no interior da Bahia, o distrito onde Lamarca morreu é a maior vítima da falta de água. A famosa baráúna sob a qual Zequinha e o capitão descansavam quando foram fuzilados já não existe. O que resta daquele 17 de setembro de 1971 são memórias dos moradores mais antigos do vilarejo e muitos deles já não sabem (ou não querem) falar sobre o assunto.

Alguns têm medo de contar a história e serem perseguidos pela polícia ou por seguidores de Lamarca. Mas, aos poucos, fica-se sabendo que dias antes de 17 de setembro, em trilhas pelas montanhas da região entre Dodrana e Ipuirara, sob o sol inclemente da caatinga, algumas pessoas viram um homem carregando outro nas costas - no caso, Zequinha e o enfermeiro Lamarca, que morreu dormindo, deitado, sem esboçar qualquer reação, conforme atesta o laudo cadavérico só conhecido há poucos anos.

Com apenas um telefone público, Pintada não foge à realidade do sertão. Praticamente não há comércio local. Apenas três vendas abastecem o vilarejo com bebidas e produtos básicos de consumo. O estilo de vida dos habitantes não tem o mínimo luxo ou qualquer repagão de uma cidade (ainda que pequena).

As casas são velhas, muitas da época de Lamarca. A capela, apesar da antiga, está bem conservada. O que há de mais novo é a praça onde as crianças brincam.

Existem apenas dois poços no vilarejo e ambos estão com problemas. Os moradores reclamam que a água para beber é salgada, mas sabem que pouco se pode fazer com relação a isso. Quase 30 anos após o alvoreço em Pintada, o distrito parece ter parado no tempo ou até regressido. Não há vereadores eleitos e a única representação organizada do povo é a

Pintada parece ter parado no tempo. Não há vereadores e a única representação é a associação dos moradores, cuja atuação é irrisória

Associação dos Moradores do Vale do Pintada, cuja atuação é irrisória.

Segundo Vanderlino Amorim, 45 anos, a falta de representatividade da região é consequência de desunião política. Os distritos de Bela Sombra, Sodrelândia e Pintada juntos possuem 170 eleitores, número suficiente para eleger um vereador à Câmara Municipal de Ipuirara, mas é difícil um acordo entre os habitantes para escolher um só candidato.

Vanderlino é um dos poucos moradores que falam sobre a passagem de Lamarca com clareza, lucidez e sem medo do ser perseguido. Ele conheceu Zequinha em uma festa, quando este tinha 25 anos. Diz que a operação militar, cheia de soldados, armas e helicópteros, gerou pânico entre os habitantes

de Pintada. "O povo tinha muito medo e vivia com diarreia."

Foi Vanderlino quem conduziu a equipe do Campus ao local onde Lamarca e Zequinha morreram. No lugar da baráúna sob a qual os dois dormiam, existem vários "filhotes", nascidos das sementes que caíram no chão há muitos anos. Segundo Vanderlino, "o dono da terra derrubou a baráúna em 1972 e colocou roça, mas sem motivos ideológicos". Naqueles tempos de repressão, achava que era apenas mais um "pedaço de pau" no meio do mato.

Mas não é assim que pensam alguns moradores de Brotas, principalmente Oidecirio Barreto. Um grupo se reuniu, comprou um hectare de terra em torno da antiga baráúna e transferiu a posse para a Cooperativa Agronômica Sem Fronteiras. A ideia é, no futuro, fazer ali um memorial que registre o local exato em que Lamarca e Zequinha foram mortos.

Vanderlino Amorim, que tinha 14 anos no dia em que Pintada entrou para a história, repete o local para onde os corpos de Lamarca e Zequinha, depois de fuzilados, foram carregados, pendurados em pau, como animais mortos, até a chegada da cunheteira Viramonte que os levava até Brotas. E também o fosso onde os dois beberam água assim que chegaram, igual a dezenas de outros existentes em toda a

caatinga nordestina. Abastecidos por chuvas, esses buracos com água servem aos animais. "A água é suja, cheia de dejeitos e foi isso que adoeceu Lamarca de vez durante a fuga", acredita Vanderlino.

Delator renega passado

Conta a história que Claudimiro Pacheco, 65 anos, é o delator de Lamarca e Zequinha. Nascido em Pintada, vive no local até hoje. Não gosta de falar sobre o assunto e diz que já recebeu ordens da polícia para "não dar caras a quem viesse perguntar essas coisas". Obedeceu agora, quase 30 anos após o ocorrido. Na entrevista ao Campus, Claudimiro alega não ter conhecido os dois fugitivos à morte.

Praticamente todos os personagens entrevistados pela equipe de reportagem aceitam a versão de que Colodo (apelido de Claudimiro) teria avisado o exército do local onde Lamarca e Zequinha se escondiam, menos ele próprio. Ele afirma

que quem os entregou foi o então menino Juraci Souza, que hoje mora em São Paulo e não pôde ser localizado pelos repórteres.

Segundo Colodo, dono de uma vendinha na época, Juraci teria ido comprar rapadura e contou que havia dois rapazes perto da baráúna. Um oficial do exército que estava no local teria ouvido a história e contado para toda a equipe do cerco. Foi assim que os militares encontraram e mataram Zequinha e Lamarca.

Essa é a versão de Colodo. A história contada pelo povo é de que Juraci realmente viu os dois na baráúna, mas quem contou para os militares foi o dono do mercadinho. O livro *Lamarca - O capítulo da guerrilha*, apresenta uma foto em que Claudimiro aponta o local onde Lamarca e Zequinha se escondiam, o que dá a impressão de que realmente foi ele o delator.

Claudimiro afirma que a foto é do dia seguinte ao assassinato e tenta se eximir totalmente da culpa de ter colaborado com o exército na caça a Lamarca e Zequinha. Diz ter conhecido Fleury e Carquejo, e que era procurado pelos militares para ajudá-los, por ser vereador na época. Ele até condena os perseguidores, dizendo que "foram covardes demais e poderiam ter pegado Zequinha e Lamarca na mão, sem precisar matar".

Referindo-se ao capitão como "esse homem aí", Claudimiro acredita que "a polícia já vinha no rastro dele" e a delação não fez diferença. Assim como a maioria dos entrevistados, conheceu Zequinha e lembrou que ele "bati" violão na cidade, mas não soube contar quem foi Lamarca. "Dizem que ele era terrorista fino, mas eu não posso falar o que não sei".



A baráúna onde Lamarca dormia ao ser morto foi derrubada durante a formação de uma roça. Em seu lugar, brotaram mudas da mesma espécie



Com apoio do grupo do senador Antonio Carlos Magalhães, o prefeito Antônio Kleber foi reeleito com 40% dos votos.



Eu, eu me

O problema da água

O orçamento anual de Brotas é de cerca de R\$ 4 milhões, a arrecadação de impostos é responsável por apenas 1% desses recursos, o resto é repassado pelo governo estadual. Segundo o prefeito, seria necessário pelo menos o dobro desse dinheiro para ter uma administração melhor. "Nunca fazendo o saneamento da cidade de acordo com nossa condição". Só para construir uma nova adutora de água para abastecer a cidade, foram gastos R\$ 600 mil, segundo ele. "Tiquei quatro anos pedindo dinheiro para o Governo Estadual, só agora consegui", diz Antônio Kleber.

O abastecimento de água na cidade, aliás, é um problema dramático. Banhos racionados e sanitários sem descarga são rotina. Às vezes, falta água até para cozinhar. A solução é comprar de caminhões que vão buscar água em outras localidades. A prefeitura retira água de poços artesanais e distribui à população, em cisternas, em contêineres puxados por tratores. A água é muito salgada e, segundo os moradores, além de imprópria para o consumo, provoca alergia no corpo. A prefeitura argumenta que os exames realizados em Salvador mostram que a água atende aos padrões de saúde.

A vereadora Generson Araújo acusa o prefeito Antônio Kleber de descaso com o problema da água para consumo da população de Brotas. Ele se defende: "Toda a região sofre com falta de água". Para tentar solucionar o problema, a prefeitura está construindo a nova adutora na represa da cidade, com um reservatório com capacidade para 200 mil litros. Hoje a caixa d'água central de Brotas, com capacidade para armazenar 20 mil litros, enche em oito horas, mas, com as obras, que, segundo o prefeito, estarão concluídas em janeiro, este tempo será reduzido a duas horas. Cerca de quarenta pessoas trabalham na adutora, cujas obras estão no início. Um dos engenheiros que supervisionam os trabalhos disse que, na melhor das hipóteses, o prazo de conclusão é o final do primeiro semestre de 2001.

Banho racionado e sanitário sem descarga são rotina. Às vezes, falta água até para cozinhar

Um retrato



Águde de Brotas, quase todo seco: prefeitura distribui água para a população em cotas

Quase 30 anos depois de entrar para a história como o lugar em que Lamarca foi morto, Brotas de Macaúbas dobrou a população, mas continua com problemas estruturais e está politicamente dividida

Os números preliminares do recenseamento realizado este ano pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística indicam que a população total do município de Brotas de Macaúbas não deve chegar a 14 mil habitantes, dos quais 3.500 na sede e o restante na zona rural. Segundo o mesmo IBGE, em 1970, a cidade tinha 6 mil habitantes, sendo 1.100 urbanos.

Eleitoral mostram que nas eleições de outubro o município de Brotas de Macaúbas é hoje uma cidade dividida. O clima de tensão que reinou nas eleições ainda é visível. O prefeito Antônio Kleber Ribeiro, da coligação PL/PFL e com apoio ostensivo do governo da Bahia e do grupo do senador Antonio Carlos Magalhães, foi reeleito com cerca de 40% dos votos.

O candidato da oposição, Orlando Rodrigues Souza (PMDB), ficou com 25%. Wanderley Rosa Matos, que concorreu pelo PT, teve apenas 1% de um total de 8.376 votos computados. Wanderley não retirou a candidatura, mas apoiou abertamente Orlando Souza, com o intuito de impedi-la a reeleição do prefeito. O esforço da oposição foi em vão. Com maioria na zona rural favorecido pela grande quantidade

Dados do Tribunal Superior



ismo e Antônio Kleber

clínica, conveniada ao SUS, não era as consultas da população, dando o prefeito, a equipe da clínica é formada por três médicos incluindo ele - sendo que um não era em Brotas e, às vezes, fica um e sem ir à cidade. Quando perguntado a respeito do nome dos médicos, Kleber se atrapalha: "Tem eu, Dr. Kleber e Antônio Kleber", citando o próprio nome.

Em uma visita da reportagem à clínica, nenhum médico foi encontrado. A situação era de abandono. Nem os

pacientes estavam por lá. Apenas um senhor maltrapilho olhava desconfiado enquanto esperava ser atendido. Depois de uns cinco minutos, uma enfermeira apareceu e explicou que o prefeito estava viajando para a zona rural e o Dr. Carlos estava doente. Ela não soube informar sobre um terceiro médico da clínica. Procurado em sua casa, o Dr. Carlos estava de cama e não pôde dar entrevista. Sua mulher, Augusta, disse que o marido estava com os sintomas da dengue.

A situação da saúde em Brotas de

Macaúbas é caótica. Sem médicos suficientes e saneamento adequado e com a suspeita do surto de dengue, no início de novembro a população não sabia o que fazer. Qualquer paciente com um caso mais grave não tem condição de ser atendido em Brotas e precisa ser levado a Oliveira dos Brejinhos ou Ilhéus. Para isso, a prefeitura possui duas ambulâncias.

Antônio Kleber reage, diz que o maior gasto da prefeitura é com a saúde e acha que a situação é boa. A secretária de saúde, Elenite

Fernandes, não foi encontrada. Segundo a secretária geral da prefeitura, Maria Nírcia Ribeiro, ela estaria em Salvador resolvendo a questão da possível epidemia de dengue na cidade - negada pelo próprio prefeito. Elenite mora em Ilhéus, cidade da Bahia a 300km de Brotas, onde só vai uma vez por semana.

O médico e ex-prefeito Valtair Bastos não poupa críticas ao atual prefeito.

Prefeito de Brotas de Macaúbas: denúncias dos adversários políticos não impediram o terceiro mandato.

"Estamos prestes a ter uma epidemia na cidade e o prefeito não faz nada. Só quer saber de ganhar dinheiro na sua Policlínica, que nem jogar o loto direito, jogu", disse. Antônio Kleber diz que todo o lixo hospitalar de sua clínica é recolhido e tratado de acordo com as normas usuais de segurança.

o interior baiano



Quatro policiais, um delegado e um secretário trabalham pela segurança da cidade: 1 policial por cada 3.500 habitantes

Educação acima da média

A cidade de Brotas possui cinco escolas públicas, sendo três da rede estadual e duas da rede municipal. Uma delas se chama Escola Dr. Antônio Kleber Ribeiro, exatamente o prefeito. Segundo dados do

Centro de Estatísticas e Informação do Governo da Bahia (CEI), são cerca de 5 mil alunos em todo o município, divididos entre pré-escolar, alfabetização, ensino fundamental (até a oitava série) e ensino médio (segundo grau).

A cidade tem taxa de escolarização de 84 %, enquanto a média da Bahia é 80%, segundo o CEI. São 180 professores de ensino fundamental e médio, o que dá, em média, um professor para 23 alunos. Apesar da educação não ser tão problemática quanto outras áreas, a iniciativa privada também contribui. Vanderlino Rosa Matos, advogado de 37 anos, está construindo uma escola com recursos próprios. "Não tenho como gastar

tudo o dinheiro que tenho, e assim, ajudo os jovens da cidade".

A construção ainda está no início, conta com apenas um pedreiro e foi projetada pelo próprio Vanderlino. Quando pronta, abrigará, além de salas para alunos de ensino fundamental, um salão com computadores, onde Vanderlino pretende instalar uma universidade virtual. "Estou pesquisando no Ministério da Educação para ver se é possível", diz.

Na questão da segurança, Brotas de Macaúbas também enfrenta alguns problemas. O efetivo policial é de apenas quatro homens, ou seja, um para cada 3.500 habitantes do município. A delegacia, localizada na Praça dos Poderes, está em péssimo estado de conservação e, segundo o delegado Uirlei Borges, não tem dotação orçamentária. "Toda a verba de que precisamos é mendigada junto à Prefeitura". A maioria das ocorrências são lesões corporais leves causadas pelo alto consumo de bebida alcoólica.

O advogado Vanderlino Rosa Matos está construindo uma escola na qual pretende instalar uma universidade virtual

mulos, Antônio Kleber é a prefeitura pela terceira vez em 2000. Eleições foram marcadas por insultos e acusações. A acusação ao prefeito Kleber, que de ter comprado votos e verbos públicas em favor de ele. O prefeito nega a acusação do pessoal do PT, se comprou votos foram eles". Kleber diz que a oposição fez uma história sua, xingando e espalhando mentiras sobre ele. Kleber negou a receber ameaças e teve que contratar seguranças para não terminarem. Mesmo nas eleições para prefeito, a oposição conseguiu eleger quatro candidatos em um total de 11. No

mandato passado, dez eram aliados do prefeito. No atual, esse número caiu para sete. O presidente da Câmara, Zenilton Alcântara (PL), diz que a convivência entre o vereador da oposição e da situação é tranquila. Mas Generosa Araújo, única vereadora eleita pelo PT, diz que é difícil aprovar projetos que não sejam da situação: "os colegas têm uma visão diferente da minha", afirma Generosa, que já foi professora particular do prefeito Antônio Kleber quando ele era jovem. Diz que o prefeito nunca atende suas reivindicações, mas ele argumenta que "a oposição tenta passar projetos apenas para debicar a prefeitura sem dinheiro".

O Balneário é praticamente a única opção de entretenimento na vida noturna da cidade. Nem mesmo os bares abrem à noite

Feira na praça

Feira semanal e variedade de lojas movimentam o comércio na cidade

A praça em que se localiza o mercado municipal Gaudêncio Oliveira é o centro de Brotas de Macaúbas, onde todos os sábados acontece a feira semanal, que movimentam o comércio e a população da cidade e da zona rural. Além da igreja, há 25 casas, uma loja de presentes, três revendedoras de gás de cozinha, uma mercearia, uma agência de passagens rodoviárias e o Banco do Estado da Bahia (Baneb), que tem quatro funcionários e é o único do município.

A rua principal que leva à praça é o grande ponto comercial da cidade e a variedade de lojas não é ruim para uma cidade do porte de Brotas. Há material escolar, bar, xerox, videogame, foto, bar, revistas, discos, mercearia, móveis e eletrodomésticos, farmácia, panificador, armazém, auto-peças, material de construção, eletrônica e produtos agrícolas, entre outros.

A comerciante Mabel Souza, 26 anos, é dona do Mercadinho Gema, que abre de segunda a sábado, das 8 às 21 horas. O que mais vende são verduras, doces e frios, especialmente nos primeiros 15 dias do mês, os de melhor negócio, quando os funcionários públicos e aposentados recebem os salários. Segundo Mabel, "o dia bom de vendas é sexta-feira, que varia entre R\$ 150 e R\$ 200". Os dias ruins ficam em torno de R\$ 70.

O mercadinho existe há dez meses e apresenta algumas exclusividades. Genivaldo Souza, 34 anos, é marido de Mabel e traz doces de São Paulo. O salame, também paulista, é mais barato que o do distrito

de Brotas. Além disso, as verduras vendidas na mercearia são plantadas pelo próprio casal.

A facilidade para comprar produtos em São Paulo deve-se ao fato de Genivaldo passar sete meses do ano na capital. Ele trabalha com montagem de estandes em eventos como feiras de informática e automóveis. Na verdade, Genivaldo ainda mora em São Paulo. Quando não está de férias, ele vai a Brotas uma vez por mês visitar sua esposa e ajudá-la no mercadinho.

Além do comércio, a cidade tem pequenas propriedades de produção rural

Além do comércio, a cidade possui pequenas propriedades de produção rural. A Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (Edba), localizada na praça central, fornece assistência técnica ao pequeno produtor. A Agência Estadual de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab) cadastra o trabalhador rural e ajuda no controle de vacinas, número de cabeças de gado e abate dos animais.

Em relação ao entretenimento dos brotenses, o local mais frequentado é o Balneário, um misto de clube, bar, boate e pousada. Ele é praticamente o único estabelecimento que fica aberto à noite. A infra-estrutura inclui uma piscina, cuja água é verde, um campo de futebol e um galpão com bar e mesas, onde funciona uma pista de dança à noite. As crianças se divertem com os animais criados em pequenas jaulas no Balneário: um macaquinho, um pavão, patos, periquitos e outras aves.



Adailton Ferro dos Santos, o Daddá: entrevistas no rádio com personagens ilustres, como o astro do forró Frank Aguiar

O "agitador cultural" de Brotas

A cidade de Brotas de Macaúbas não tem jornal. Televisão nem rádio. Ou melhor, uma rádio legal, já que o único meio de comunicação instalado no município é uma rádio pirata, a Rádio Popular de Brotas. A iniciativa é de um filho da cidade, Adailton Ferro dos Santos, ou "Daddá". Ferro, 30 anos, que se autointitula o "agitador cultural" de Brotas, por estar sempre envolvido em promoção de shows, festas e na organização de peças teatrais.

Daddá, que começou a trabalhar com rádios piratas há 13 anos nas favelas de São Paulo, montou a emissora dentro do próprio bar, com um aparelho de sem fio, que qualquer pessoa tem em casa, um transmissor artesanal feito por

A rádio pirata de Daddá é o único meio de comunicação instalado no município de Brotas de Macaúbas

ele próprio, e uma pequena antena que consegue levar as ondas da rádio a todo o município e redondezas.

Daddá disse que a polícia - que já fechou uma rádio comunitária na cidade, de propriedade do prefeito - faz constantes ameaças à Rádio Popular de Brotas pelo fato dela ser pirata. Mas o "agitador cultural" não teme as acusações, tampouco se considera um transgressor. "Estou há 13 anos trabalhando com isso e minha me deparei com a polícia. Se nos fecham aqui, a gente vai para outro lugar. A rádio é um meio necessário para haver comunicação entre a população da cidade", afirma.

A Rádio Popular de Brotas, onde Daddá é o único funcionário, prioriza

os serviços de utilidade pública e as notícias locais, mas também há espaço para notícias nacionais e internacionais. A população de Brotas é fiel ao único meio de comunicação da cidade. Tudo o que é falado na rádio rapidamente repercute por todo o município. Alguns personagens ilustres já foram entrevistados na "emissora-bar", como o deputado federal do PT e ex-governador da Bahia Valdir Pinheiro, e o astro do forró Frank Aguiar.

A programação musical da rádio é bastante diversificada, indo da música erudita ao forró, passando por bossa nova, reggae, samba e rock'n'roll, um dos ritmos favoritos de Daddá. Segundo ele, a preferência da população é por músicas românticas, e quanto mais melosas melhor. "O pessoal pede para a gente tocar mais música brega mesmo", diz.

Três poderes e um aeródromo

O campo de futebol onde os corpos de Lamarca e Zequinha foram exibidos à população não esteve mais. Em seu lugar, foi construída uma praça com os principais órgãos públicos. Na Praça dos Poderes funcionam a Prefeitura Municipal, a Câmara de Vereadores, a delegacia de polícia e a escola de ensino fundamental Dr. Antônio Kieber Ribeiro.

Apesar de pequena, Brotas de Macaúbas tem até aeródromo, atrás da Praça dos Poderes. Ele é pouco utilizado - por isso, cerca de dez aviões descem na pista de 1.103 metros de extensão. São, na maioria, políticos visitando o local, ou artistas com shows marcados nas cidades próximas. A cantora Elba Ramalho e sua equipe de apoio pousaram em Brotas, há três anos, para uma apresentação em Oliveira dos Brejinhos durante a festa de São João.

Em 1º de junho deste ano, a pista de Brotas e outras 22 no estado da Bahia foram liberadas para aviões em trânsito aéreo nacional. A homologação partiu do Ministério da Aeronáutica, por meio do Departamento de Aviação Civil, e foi publicada no Diário Oficial.

Um funcionário da prefeitura de Brotas cuida do aeródromo da cidade, impedindo a entrada de animais. Segundo a secretária geral da prefeitura Maria Nívea Ribeiro, um muro será construído. "O Ministério da Aeronáutica prometeu que o asfalto será recuperado", afirma. Mas o meio de transporte mais utilizado pelos brotenses que querem viajar é o ônibus. Há duas linhas diárias para São Paulo, uma para Salvador e uma para Seabra.

A pista de pouso de Brotas com 1.103 metros foi liberada este ano para tráfego aéreo nacional





O acesso aos garimpos é difícil e, mesmo com os pedidos da Cooperativa, a prefeitura se recusa a abrir novas estradas

Luta pelo quartzo

Cooperativa Agromineral Sem Fronteiras procura soluções para problemas dos pequenos garimpeiros de Brotas de Macaúbas

A região da Chapada Diamantina Meridional - onde estão localizadas as cidades de Brotas de Macaúbas, Ipupira e Oliveira dos Brejinhos - começou a ser explorada pelo garimpo nos anos 30. O ouro, o cristal e principalmente o quartzo fizeram a fortuna de inúmeros empresários, aventureiros e grandes grupos de mineradoras, inclusive internacionais, que, aos poucos, tomaram conta de toda a região, sufocando os garimpeiros menores e acabando com as áreas onde se fazia o garimpo individual. Assim, muitos trabalhadores que dependiam do quartzo para sobreviver tiveram que abandonar o garimpo ou aceitar trabalhar para as mineradoras.

No final da década de 80, quando o solo da região já estava praticamente todo vendido para os grandes empresários, Odeiro Barreto - irmão de Zequinha que sobreviveu ao ticoete no Barulh Cristalo - voltou a Brotas depois de morar 17 anos em São Paulo. Observando uma realidade em que "as mineradoras estavam cada vez mais ricas e o povo cada vez mais pobre e explorado", resolveu transportar para a região uma experiência de organização coletiva que virou no Paraná, as cooperativas. Em 1990, fundou a Cooperativa Agromineral Sem Fronteiras (Casel), com o objetivo de organizar os garimpeiros e pleitear terras para a exploração mineral.

Somente em 1992 a Casel foi legalmente reconhecida. A partir daí, a Cooperativa começou uma guerra contra os grandes mineradores para conseguir terras. Os associados tiveram que enfrentar a má vontade dos técnicos do Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM) na Bahia e chegaram a recorrer a parlamentares baianos em Brasília para pressionar o governo estadual a liberar as terras.

A necessidade de uma área para a Cooperativa, legalmente reconhecida, tornou-se ainda mais dramática quando o governo da Bélgica, encantado com o projeto, decidiu patrocinar a construção de uma sede para a associação e também a compra de equipamentos. O patrocínio - conseguido por intermédio do belga Thierry de Burghgrave que, desde os anos 70, desenvolve projetos sociais na região - só seria efetivado se a Cooperativa comprovasse ter as terras para o trabalho de seus associados.

Em 1996, finalmente foram concedidas as primeiras áreas para a Cooperativa que, até hoje, não são definitivamente reconhecidas por meio de alvará - os associados possuem mandados de segurança que garantem a posse das terras. Com isso, veio o patrocínio de 500 mil dólares do governo belga. No final



Mina de garimpo coletivo da Casel: os trabalhadores, em pequenos grupos ou sozinhos, ficam com o que produzem

de 1997, foi inaugurada a sede da Casel, com uma área construída de 1.014 metros quadrados.

A Cooperativa já promoveu cursos para a capacitação de mineiros de mineração, atingindo pessoas das 36 comunidades que vivem do garimpo da região.

Hoje, estão sendo ministradas aulas de artesanato e adornos em quartzo que capacitam 15 mulheres e 24 adolescentes pobres da área.

Atualmente, 15 jovens moram na cooperativa - que tem capacidade para abrigar 60 pessoas. A sede da Casel conta com um refeitório, um auditório, uma sala com amostras de artesanato, um galpão para tratamento do quartzo e uma secretaria. Na área da sede, existe um pomar cultivado pelos alunos, um campo de futebol e um sistema de captação de água do açude com capacidade para armazenar 56 mil litros.

Hoje a Cooperativa possui cerca de 400 associados que trabalham em mais de seis mil hectares, entre garimpos coletivos e individuais. Entre novembro e março, época das chuvas na região, a maioria dos garimpeiros dedica-se à agricultura.

Nesse período a produção mineral cai muito e os compradores procuram outros fornecedores.

O acesso aos garimpos é difícil e a Casel teve de abrir estradas por conta própria. Antes disso, o único meio de chegar às minas era em lombo de burro. Mesmo com os pedidos dos garimpeiros, a prefeitura se recusa. "É muito caro asfaltar até onde a Cooperativa quer, além do mais, beneficiaria pouca gente", diz o prefeito Antônio Kleber.

Um dos maiores opositores do governo municipal é Odeiro. Recentemente, foi agredido por aliados do prefeito. O motivo foi a da construção do sistema de captação de água da Cooperativa. O prefeito, no entanto, alega não se intrometer nos assuntos da Casel, mas acrescenta: "A Cooperativa é tendenciosa, seria uma boa iniciativa, não fosse o lado político".

A Casel pretende investir em equipamentos e ampliar a produção. O presidente José Lima assinou, em outubro, um convênio com a Companhia Baiana de Pesquisa Mineral que prevê ajuda financeira de acordo com as necessidades da Cooperativa. Outro projeto foi encaminhado à Secretaria de Indústria, Comércio e Mineração da Bahia, para avaliação. Além disso, o deputado Herculano de Matos está tentando viabilizar uma loja no Pelourinho, em Salvador, para venda do artesanato.

O gringo do sertão

Em 1972, um grupo de jovens belgas ligados à Igreja Católica veio para o Brasil com o objetivo de desenvolver trabalhos sociais. Seguiam uma nova postura do Vaticano que estimulava o desenvolvimento de projetos para a melhoria da condição de vida das populações no terceiro mundo. No grupo estava o estudante Thierry de Burghgrave que, por meio da extinta Fundação para o Desenvolvimento Integrado do São Francisco (Fundinf), acabou chegando ao sertão baiano, onde constituiu família e até hoje desenvolve trabalhos sociais.

Na pequena Brotas de Macaúbas, Thierry tinha a missão de implantar uma Escola Família Agrícola (EFA), projeto da Fundinf baseado na proposta francesa da Pedagogia da Alternância, em que os alunos, num mês de aula, estudam durante 15 dias e passam outros 15 em casa - o que facilita a vida dos estudantes das zonas rurais. O



belga chegou à região mezes de um ano depois da ofensiva do exército na caça a Lapa e encontrou uma população ainda aterrorizada com a violência dos militares. "Havia um trauma geral, as pessoas estavam amedrontadas, desconfiadas", disse.

Esse sentimento fez com que a população, a princípio, não visse com bons olhos a proposta da EFA. "Muitos diziam que eu era comunista", afirmou. Mas Thierry, por meio de muito diálogo, conseguiu a confiança da população e conduziu a implantação das EFAs em várias cidades da Bahia.

A escola de Brotas, a pioneira, acabou sendo desativada 14 anos depois da implantação. Foi nesse período que Thierry conheceu Odeiro e rapidamente se engajou na luta dos garimpeiros da região, tornando-se um dos maiores entusiastas e colaboradores da criação da Casel.

Cooperativa e garimpo

Aos 33 anos, o minerador Mário Victor Pacheco é dono de uma área de garimpo, herdada do pai, com cerca de 50 anos de exploração. É um dos garimpeiros individuais filiados à Casel, que utiliza a estrutura física e administrativa da instituição para reverter a produção. O minerador emprega 12 pessoas. Os homens, responsáveis pelas escavações, ganham R\$ 7,00 por dia. As mulheres, que fazem o primeiro tratamento de limpeza das pedras, recebem R\$ 5,00. Cada garimpeiro que trabalha para Mário Victor explora de 30 a 100 quilos de pedras por dia, conseguindo aproveitar 1,5 quilo de quartzo.



A área de exploração de Mário Victor é um exemplo de garimpo individual. Nos garimpos coletivos, o acesso é livre aos sócios da Cooperativa, sendo que eles podem trabalhar em conjunto ou na base de "cada um tira o seu", como afirma Odeiro. "De acordo com as regras da Casel, o garimpeiro fica com 97% da produção e a Cooperativa com 3%, mas não é praticado porque a produção ainda é pequena". Quem explica é o presidente José Lima (foto), que trabalha em um dos garimpos coletivos, junto com outros 11 mineradores.

“Não houve tortura, só interrogatório” - ex-prefeito Francellino Gualberto, um dos principais colaboradores do exército

A base dos militares

Personagens da cidade onde o exército montou o primeiro quartel general na busca a Lamarca e Zequinha mantêm viva a história da perseguição

Oliveira dos Brejinhos nasceu ao pé de uma imensa montanha que impedia o avanço de antigos bandoleiros ao vilarejo. Fica a 18 quilômetros para dentro de um entroncamento com a BR-262, e foi ali que o exército montou o seu primeiro quartel general, quando descobriu que Lamarca estava na região.

A professora Alice Novais, 81 anos, é moradora de Oliveira dos Brejinhos desde 1973 e, na infância, foi colega de escola de Adeláido Campos Barreto, mãe de Zequinha e Oiderico. Durante a ação militar em 1971, Alice forneceu refeições e hospedagem aos agentes da repressão na sua casa. “Eles faziam reuniões até tarde da madrugada. Mas, foram educados e pagaram tudo direito”, disse até a chegada dos oficiais, a professora jamais tinha ouvido falar no Capitão. “Eu me perguntava: ‘Lamarca... isso lá é nome de gente?’”, conta, aos risos.

Hoje a cidade tem 21.400 habitantes, número três vezes maior que os 6.900 de 1971, e uma economia que depende basicamente do garimpo de quartzo, pecuária e da pequena produção agrícola. Entre julho e outubro, a cidade vive outro tipo de agitação, pois estava sendo rodado, em um de seus distritos, o filme Abril Despedaçado (nome provisório, de Walter Salles Júnior.

A delegacia de polícia do Oliveira dos Brejinhos funciona num prédio velho, no centro da cidade, onde o delegado Wanderlino Martins fala do começo dos anos 70. “Os militares vieram aqui por causa de um incêndio no cartório e foram logo perguntando se havia alguém envolvido em movimento político”, diz.



Alice Novais, moradora de Oliveira: “Lamarca... isso lá é nome de gente?”

Em 1971, Wanderlino, então com 36 anos, era tabelião em Bror de Macaúbas e acompanhou a movimentação dos militares na região. Pouco sabia sobre Lamarca, mas conhecia Zequinha. “Era um jovem dinâmico, inteligente e estioso”, elogia. Na delegacia, existem

quatro detentos, dois esperando julgamento. Um deles nasceu em Brejinhos, Helcias Teixeira de Sousa, 37 anos, acusado de estupro. Casado, com cinco filhos, lembra da chegada dos militares na cidade, há quase 30 anos. “Eu era menino mas tinha cisma deles”, afirma.

Carlton Castro e Cruz tinha 16 anos quando mataram Zequinha e Lamarca, e também morava em Oliveira dos Brejinhos. Hoje é um dos personagens que mais conhece a história da passagem dos dois e da repressão pela cidade. Como a maioria dos habitantes do lugar, conhecia bem Zequinha: “todos o respeitavam muito, era carismático, jogava futebol, bebia e cantava com todos”.

Lamarca ficou na memória de Carlton como o oposto do colega Zequinha. Ele o viu apenas uma vez, o suficiente para uma imagem interessante: “parecia um sujeito muito antipático, carancudo, que se dava o direito de só falar com Zequinha”. Ele conta que certa vez os dois fugitivos ficaram hospedados na casa de uma senhora por dois dias e ela não curtiu a vez do capitão.

Carlton relata as histórias que ouviu ao longo dos anos para concluir que quem era realmente perigoso para a polícia era Zequinha, porque tinha carisma junto às populações locais. “Lamarca não arrebatava ninguém”. Em Oliveira, são muitas as histórias sobre a perseguição, “as verdadeiras, as falsas e as lendas”, como dir Carlton. Uma delas é contada pelo vaqueiro Osmar. Em uma de suas andanças, teria alcançado os dois fugitivos, quando, surpreendentemente, um helicóptero começou a sobrevolar os três, derrubando-os a mercê dos policiais. Sem local para se esconder, Osmar olhou

para os lados e viu Lamarca transformando-se em uma moita. Para o folclore local, foi assim que os dois foram para se esconder por tanto tempo.

O exército também se utilizou de lendas para amedrontar a população. “Diziam que Lamarca e Zequinha eram cangaceiros, arrancavam os fígados das pessoas”, lembra Carlton. Para o

povo aquilo era suficiente. Há 64 anos, a região presenciou um dos maiores conflitos da história do cangaço na Bahia, a luta entre os coronéis Horácio e Militão.

Em 1971, 35 anos haviam se passado desde o último confronto entre os cangaceiros dos dois coronéis na região de Ilotas de Macaúbas.

Toda uma geração nutria verdadeiro pavor do banditismo, daí a facilidade em convencer a população

de que Lamarca e Zequinha eram pessoas que não mereciam agito em sua fuga. Mas isso não era fácil de aceitar quando o assunto era Zequinha. “Muitas pessoas negaram que o conheciam com medo de serem mortos”, lembra Carlton Cruz.

Aos 45 anos, Carlton foi um dos criadores do Grupo Jatobá, que existe há 14 anos em Oliveira dos Brejinhos. Esta entidade de proteção ambiental já plantou mais de 14 mil árvores na Chapada Diamantina e sempre 16 famílias em oficinas de artesanato. “A proposta é educar os garimpeiros para que eles vejam as limitações do meio-ambiente e não o degradem”, afirma.

Devido de negociar parte de suas terras com empresas estrangeiras, o ex-prefeito tem, atualmente, três minas que estão sendo lavadas. Ele diz que seus negócios foram prejudicados por sucessivos “calotes” que tomou de alguns dos compradores.

A atividade mineradora de Francellino o levou a bater de frente com os interesses da Cooperativa Agrimensoral Sem Fronteiras (CASF), liderada por Oiderico Barreto. Para ele, “Oiderico é um oportunista, que está vivendo às custas dos pequenos mineradores”. Oiderico respondeu que o ex-prefeito foi e ainda é um dos “principais articuladores contra os processos de concessão de terras para os garimpeiros trabalharem, embora possa hoje viver de áreas de terras improdutivas”.

Francellino considera que Oiderico continua sendo um “terrorista”, devido ao seu engajamento na luta pelas terras da CASF. “Se a bala pega, eu estava livre dele”, afirma sobre o tirotoleiro no Brejo Cristiano.

Um homem sem arrependimentos

Ex-prefeito de Oliveira dos Brejinhos, Francellino Gualberto foi o principal colaborador do exército na região, durante a perseguição ao capitão Carlos Lamarca e Zequinha. Aos 85 anos, continua com as mesmas convicções de 30 anos atrás. “Ninguém época havia dado respeito. Hoje, o país está cheio de corruptos, ladrões e sequestradores. Tudo mundo rouba e não dá em nada”. O ex-prefeito não se arrepende de ter ajudado os militares na época - pelo contrário, acredita ter entrado para a história do Brasil.

A repressão, entretanto, chegou a desconfiar de Francellino no início da operação de busca a Lamarca na região. O ex-prefeito conta que quando voltava de uma pescaria, encontrou duas pessoas estranhas em um bar, que disseram ser pescadores de Iluberaba, cidade próxima a Oliveira dos Brejinhos, no caminho para Salvador. Alguns dias depois, procurado pelos militares, Francellino identificou os dois rapazes em fotografias. Os pescadores, na verdade, eram

Lamarca e Zeé Carlos, militante do MR-8 na Bahia.

Até aquele momento, ninguém da região tinha reconhecido Lamarca. Isso levou a repressão a pensar que o ex-prefeito estava dando cobertura para os fugitivos. Irritado com a desconfiança dos militares, Francellino disse ter “petado” os oficiais. “Não sou terrorista, sou nacionalista”. A partir daí, ganhou o respeito do exército e passou a ser seu fiel colaborador.

Ele intermediava a compra de provisões e equipamentos, disponibilizava a polícia da cidade para servir de guia no sertão e chegou a convocar trabalhadores para ampliar a pista do campo de aviação para o exército. Foi de um dos garimpos do ex-prefeito que partiu a operação que cercou a casa dos Barreto no Buriti Cristino. A ação ia começar às 5h, mas Francellino sugeriu que se iniciasse mais cedo, para chegar no Buriti quando todos ainda estivessem dormindo. “Depois me avisaram por rádio para fazer dois caixões”, fala, às gargalhadas - os caixões eram para

“Uma vez Francellino saiu rindo e se gabando de ter dado óleo de máquina para um preso beber”, conta Carlton Cruz

Otoniel Barreto e Santa Bárbara, mortos na operação.

Contrariando a opinião geral das pessoas da região, Francellino diz que os militares não foram, em nenhum momento, truculentos na operação. “Não houve tortura, só interrogatório”. O povo aumentou as histórias de mau trato, segundo ele, que não vê Lamarca como vítima e acredita que o “apêndice” não trouxe mudanças para a região”. Outro morador de Brejinhos, Carlton Castro e Cruz, contesta firmemente o ex-prefeito,

que, segundo ele, não só deu todo tipo de apoio logístico aos militares, como participou diretamente de mais tratos. “Uma vez ele saiu rindo e se gabando de ter dado óleo de máquina para um preso beber em uma sessão de tortura”, assegura Carlton.

Francellino, baiano de Ipiatã com somente o primeiro grau completo, começou a carreira política como vereador em sua cidade natal. Depois, como deputado estadual, foi colega de Assembleia de Antônio Carlos Magalhães. “ACM era muito petido e abusado”. Em 1984, foi eleito prefeito de Oliveira pela primeira vez. Em 71, assumiu novamente a prefeitura com um mandato tampão de dois anos. Diante da forte pressão da oposição, acabou abandonando a carreira política, mas até hoje tem influência nas eleições locais.

O garimpo enriqueceu Francellino. Quando chegou a Oliveira, na década de 40, a cidade era considerada a capital brasileira do quartzo. Rapidamente tornou-se um dos maiores mineradores da região.



Pelos caminhos de pedra, as forças policiais atravessaram a montanha para fazer o cerco a Buriti Cristalino

Memórias perdidas

Passagem de Lamarca e Zequinha em Cachoeira do Brundué é desconhecida por quase toda a população

O pequeno povoado de Cachoeira do Brundué, no município de Oliveira dos Brejinhos, foi um dos principais pontos de concentração do exército na caça a Zequinha e Lamarca. A vila de hoje fica a aproximadamente 600 metros da posição antiga, mas muitas casas da época ainda existem. Apesar da grande importância histórica do local, poucos moradores sabem da invasão de soldados, do pouso de aviões ou até mesmo da rápida passagem de Lamarca e Zequinha. De Cachoeira era mais fácil, naquela época, chegar ao Buriti Cristalino subindo a montanha por uma estrada de terra batida, também cheia de pedras.

Na verdade, nem mesmo a história do capitão é conhecida pelo povo. O assunto não parece ter sido passado aos jovens de hoje, nem a seus pais. Filho de Miranda, 21 anos, sabe que Lamarca morreu na região, mas desconhece sua atuação no combate à ditadura. Seus amigos também sabem muito pouco da história. Alguns dizem que "Lamarca morreu na terra", outros conhecem Oiderico, irmão de Zequinha, mas não sabem se Lamarca foi herói ou bandido.

Atualmente a cidade é formada por um galpão no centro, rodeado por algumas casas, dois bares (um deles com uma velha geladeira a gás) e uma capela. Aos

domingos são realizadas feiras que reúnem moradores das proximidades. Cerca de 600 pessoas provenientes de Oliveira dos Brejinhos, Beira-Rio, Piramirim, Canabrava e da roça buscam carne, verduras, sapatos e roupas. A feira tem início às 9 e termina às 15 horas. "Começa tarde porque muitas pessoas vêm de jeque", afirma o dono de um dos bares.

Da época de Lamarca restam, além de algumas casas, os vestígios da pista de pouso de aviões, já coberta por mato queimado. A presença do exército é lembrada por uma pequena casa que serviu de base para os militares e fica entre os caminhos para Pé do Morro e Buriti Cristalino.

Dos poucos moradores que sabem da passagem de Lamarca em Cachoeira do Brundué, Pedro de Miranda Filho, 51 anos, diz que era difícil andar pela região. "A polícia achava que a gente lá levar comida para Lamarca e Zequinha", afirma. Pedro chama a polícia de "ordinária" e diz que "naquela época, se você falasse qualquer besteira, podia ser morto".

Conta-se que em Cachoeira do Brundué, Rosmiro Rodrigues foi o único a ver Lamarca. Ele nega. "Só ouvi os 'bostos'", diz. Há alguns anos, ele

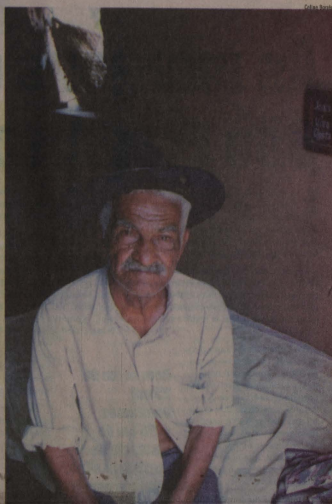
falava para os moradores do vilarejo sobre seu encontro com o capitão, mas agora, aos 81 anos, parece não se lembrar de muita coisa.

Rosmiro diz que Lamarca era uma grande pessoa e que só ouvia falar bem do capitão. "Ou você é contra ou a favor dele." Segundo a versão que circula em Cachoeira, em certa ocasião, quando Rosmiro ia trabalhar no garimpo, ele viu Lamarca e Zequinha, mas hoje não se lembra com clareza dos acontecimentos.

Mesmo sendo sete anos mais velha que Rosmiro, Rosa Rodrigues de Sousa ainda conserva uma nítida lembrança da chegada dos militares. "Eles vieram de madrugada dizendo que estavam caçando garimpo." A população ficou assustada com os helicópteros, a quantidade de homens e os fios de comunicação que foram estendidos por todo o povoado. "Nossa Senhora, eles vão nos matar", pensou Rosa.

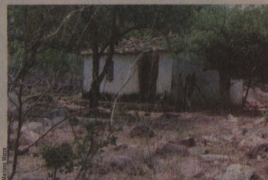
Os militares perguntavam aos moradores se eles conheciam Zequinha e se sabiam indicar estradas para Pé do Morro e outros povoados no caminho de Buriti Cristalino. Também falavam que Lamarca e Zequinha eram perigosos. "Perigosos para eles lá, para nós não", diz Manuel de Oliveira, que tinha 19 anos em 1971. Ele também acompanhou a descida dos helicópteros em Cachoeira do Brundué.

Até hoje, apesar de ser primo de Zequinha, Manuel não sabe quais eram as intenções do companheiro de Lamarca. "Acho que eles estavam querendo o regime atual, com liberdade para todos." Segundo ele, o povo temia o exército, mas os próprios militares também sofriam com medo alguém. "Quando souberam que Zequinha e Lamarca tinham saído depois havia dois minutos, 19 policiais não tive-ram coragem de enfrentá-los cara a cara e subiram em um helicóptero."



Rosmiro Rodrigues, morador de Cachoeira do Brundué, foi o único a ver Lamarca, segundo a população

A população ficou assustada com os helicópteros, a quantidade de homens e os fios de comunicação estendidos pelo povoado



A casa onde funcionou o posto policial tinha localização estratégica, entre os caminhos para Buriti Cristalino e Pé do Morro

Um revolucionário vivo

Em dezembro de 1969, o grupo de Lamarca nem pensava em se embrenhar no sertão da Bahia, mas a repressão chegou a Oliveira dos Brejinhos atrás de um "subversivo" que atuava na articulação política da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) - o mesmo movimento ao qual Lamarca também pertencia - em Salvador. Era Wellington Renato de Freitas que, numa rápida e violenta operação num bar da cidade, foi preso pelos policiais.

Condenado pela Justiça Militar, cumpriu pena de dois anos na capital da Bahia e depois voltou a Oliveira dos Brejinhos, onde vive até hoje, com 58 anos. No começo de 1969, a repressão começou a fechar o cerco em cima da VPR em Salvador, da qual fazia parte Wellington, e ele decidiu fugir para Oliveira dos Brejinhos, onde ainda tinha muitos parentes e amigos.

Mas acabou descoberto e levado novamente para Salvador. Um dia, enquanto estava preso, Wellington recebeu a visita de sua irmã, que morava na capital e também tinha atuação política. Ela contou sobre a operação de caça a Lamarca na região de Oliveira dos Brejinhos e tinha receio de que os oficiais associassem o nome de seu irmão ao capitão.

De fato, Wellington foi chamado a dar explicações. Disse que conhecia Zequinha, com quem havia feito farras na região, mas não Lamarca. "Os oficiais me apertaram e eu falei que nem sabia que Zequinha era revolucionário. Eu o conhecia porque ele era da região e sempre foi uma pessoa muito querida de todos", afirma.

A figura de Zequinha, segundo Wellington, já preocupava muito os militares, sobretudo os que eram da Bahia. "Os daqui eram mais preocupados com Zequinha do que com Lamarca. O capitão era o malvado guerreiro. Mas Zequinha era o bom de papo, o que conseguia convencer o povo de suas ideias", afirmou.





"Como ele (Zequinha) pôde chamar Lamarca para uma região inóspita, seca, com as pessoas contra?" - Armindo de Souza, médico de Ibotirama

Às margens do São Francisco

Em Ibotirama, o sonho de uma guerrilha no sertão começou a se materializar e a morrer. Doente e abatido, Lamarca procurou por ajuda médica, que lhe foi negada. Hoje a cidade é o centro mais importante da região.

A cidade que era apenas mais um porto perdido em meio ao rio São Francisco cresceu com a abertura de uma rodovia e a migração. Mas alguns personagens ainda guardam na memória as histórias de três décadas.

Das cidades que fazem parte da rota de Lamarca no sertão da Bahia, Ibotirama é hoje a maior e mais desenvolvida. Surgida na beira do rio São Francisco, cerca de 800 quilômetros abaixo de Pinapora, onde começa a navegação do rio, cresceu às margens da rodovia 242, que liga o centro-oeste do país e o oeste baiano a Salvador.

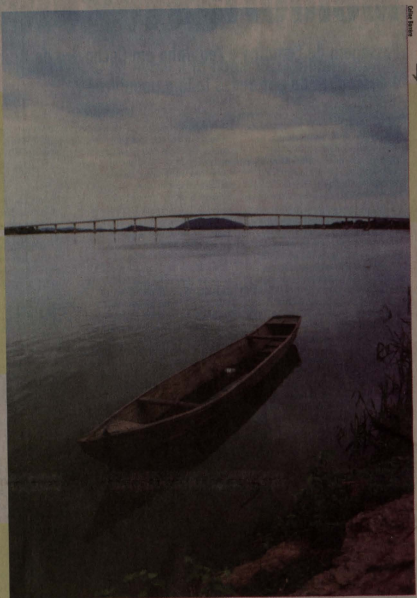
Com cerca de 25 mil habitantes, a 176 km de distância de Buriti Cristalino, a cidade guarda personagens importantes dessa história. Inclui-se porque lá foram feitos alguns

dos primeiros contatos entre os integrantes do grupo guerrilheiro, antes da instalação na região de Brotas de Macaúbas.

Damião Dantas Leite, 76 anos, trabalhava na junta militar do exército em Ibotirama quando tudo aconteceu. "Não sei nada desse negócio", avisou quando procurado pela equipe do Campus. Mas a mulher, Laurinda Portella Leite, 86 anos, o denunciou: "Quando os militares chegaram aqui, o profeta chamou Damião e ele foi." Não se sabe ao certo se Damião colaborou com a caçada a Lamarca, mas o militar aposentado guarda até hoje todos os recortes de jornal que falam sobre o acontecimento.

Ele é uma das poucas pessoas entrevistadas que sabe profundamente a história de Lamarca, como o fato de seu pai ter sido sapateiro e de sua mulher ir morar em Cuba. Acredita que estamos prestes a um novo golpe militar, daí o medo de contar sua versão da história. Não que isso o agrade. "Esse povo (da ditadura) tem muito o que pagar."

Com cerca de 25 mil habitantes, a 176 km de distância de Buriti Cristalino, a cidade guarda personagens importantes do episódio



Era ou não era Lamarca?

Médico de Ibotirama contesta versões e afirma que o homem que bateu à sua porta em busca de ajuda foi Lamarca e não Zequinha

Armindo Olímpio de Souza, 56 anos, não gosta de falar sobre a história de Lamarca e Zequinha. "Tudo já foi dito", argumenta o médico que, segundo a versão mais difundida na região, teria sido procurado por um amigo de Zequinha, no hospital de Ibotirama, para atender a um companheiro enfermo. O médico contesta a versão: "acredito que quem me procurou foi o próprio Lamarca", diz.

Ele conta que, numa noite, um homem arrumado, barbeado e com uma bolsa na mão bateu à porta de sua casa, dizendo: "Zequinha está ali no beco e não está bem". O médico perguntou, então, o que ele tinha. "Está doente", disse o homem. Desconfiado, Armindo se recusou a socorrer o suposto doente. "Nunca vi médico atender no escuro", afirmou. "Acontece que sou Lamarca", respondeu o homem misterioso, que em nenhum momento soltou a bolsa que segurava.

Armindo pensou, neste instante, que poderia estar sendo testado pelos militares. Mas também teria ser Lamarca querendo seqüestrá-lo. "Ele me procurou porque eu conhecia bem a região e, como era o

único médico da cidade, ninguém me questionaria se eu pedisse uma lanterna para sair de Ibotirama", conta. Isso explicaria porque o sujeito não largava a bolsa de maneira nenhuma. "Ele poderia ter

uma arma ou uma bomba lá dentro, não sei." Os testemunhos dos últimos momentos e o próprio estado em que morreram Lamarca e Zequinha indicam que, se havia um doente precisando do médico, era o capitão.

O suposto Lamarca entregou ao médico um bilhete de Zequinha pedindo socorro. Armindo e Zequinha já se conheciam das faras nas noites de Ibotirama. "O último contato que tive com ele foi antes de 1971", garante o médico Armindo, atual diretor regional de

medicina, que tem opinião formada sobre o capitão do exército.

"Terrorista ele foi, porque quem rouba carro do exército, cheio de armas, de dentro do quartel, tem que ser", acredita. Mas culpa Zequinha pelo fim trágico dos dois companheiros. "Como ele pôde chamar Lamarca para uma região inóspita, seca, com as pessoas contra?", questiona.

Logo depois do contato com Lamarca, Armindo foi a Salvador numa veraneio do exército. Um militar ferido precisava ser operado. Na capital baiana, o médico teve que depor sobre o encontro com Lamarca. "Os inquiridos tentavam envolver os inquiridos, com três pessoas fazendo a mesma pergunta", lembra. Hoje, quase 30 anos depois, doutor Armindo não quer mais falar sobre Lamarca, mas lembra com precisão dos detalhes. Ele se irrita quando invertem a história dizendo que Zequinha o procurou para socorrer Lamarca.

Parentes de Zequinha

Lida Alves Barreto, 80, é prima do falecido Zequinha. Para ela, o rapaz era uma pessoa muito boa e fela. "Bricava até com os cachorros e com as galinhas", lembra. Ela não sabe até hoje porque o perseguiram, diz que era "bestagem". Dona Lida, que hoje mora em Ibotirama, estava em Burumado quando os militares tomaram a cidade. "Tiquei sem poder voltar por causa do subforno", mas se recorda muito bem do que contavam seus pais sobre o cerco policial. "Os militares ficavam na rua, cercando a casa, achando que Zequinha e Lamarca estavam escondidos lá dentro."

O primo de Lida, Dinis Pereira dos Santos, 62, era vereador de Ibotirama na época. Havia poucos hotéis e pensões, mas mesmo assim nenhuma casa foi tomada pela milícia. "Eles cercaram as casas dos parentes, pois sabiam que Zequinha estava na região", confirma. "Todos tinham muito medo."



ARMINDO OLÍPIO



ARMINDO OLÍPIO



Carismático, inteligente e bonito, Zequinha conquistou os moradores do município de Brotas de Macaúbas

NOVO HERÓINO SERTÃO

Admirado por todos, Zequinha é visto na região de Brotas de Macaúbas como o grande personagem do episódio de 1971

O fim da ditadura deixou muitos feridos de ocasião e alguns sim- bolios da resistência, como Carlos Lamarca. Ao longo desses 29 anos, alguns foram esquecidos, enquanto outros se tornaram ídolos, admirados por trabalhadores e estudantes que seguem eram nascidos quando eles foram mortos.

José Campos Barreto, o Zequinha, tinha 26 anos ao morrer, em 1971, junto com Lamarca, no Centro-Sul do Brasil, o capítulo se tornou uma das referências básicas para aqueles que resistiam ao regime militar. Entre os moradores de Buriti Cristino e redondezas, Zequinha, um filho da terra, foi eleito o verdadeiro herói da luta contra a ditadura. Hoje, mais do nunca, o ex-seminarista é admirado pelos bastantes de uma parte do sertão.

Em Buriti Cristino, capital política do município de Brotas de Macaúbas que faziam ideia do porque do apazamento político, militar, da perseguição, prisão, presídios e mortes. Distante 700 quilômetros de Salvador, a região era - e continua sendo - alta ilha dentro da Bahia. Nesse cenário, difícil era encontrar quem não conhecesse Zequinha. "Todo mundo conhecia todo mundo", lembra Odeirio Barreto, seu irmão.

José Carlos Barreto era carismático. Brincava com todos, jogava futebol - não muito bem, dizem - no time de Buriti Cristino, escrevia peças de teatro, "batia" violão e cantava com os amigos. "Tocava os músicos dos Beatles e traduzia para o português", conta Wanderley Rosa Matos, agrônomo que pesquisou a vida de Zequinha, em entrevistas com a população de Brotas de Macaúbas, para escrever um livro sobre a história da cidade.

Falava latim, francês, alemão e inglês. O domínio dos idiomas era fruto dos anos de estudo no Seminário de Garanhuns, em Pernambuco, onde ingressou aos nove anos de idade. Mas ele não queria ser padre. Talvez, por ser incansável com o jeito que lhe deu a fama de conquistador, especialmente quando voltava de São Paulo para passar férias na região. "Conhecia Zequinha, um rapaz novo, moreno, bonito e alto", lembra Aristina Batista de Sousa, que antes se pensava Santa Clara, um dos lugares onde ele costumava ficar quando ia para Brotas.

Lamarque Araújo e seu irmão Silvio eram companheiros de Zequinha nas rodas de violão. Sempre que ele estava em Brasília, ficava na casa dos irmãos e participava de serenatas nas barrancas do Rio São Francisco. Segundo Lamarque, era querido por todos, que nem desconfiavam das ligações dele com a esquerda.

"Mesmo sendo grande amigo meu, nunca me falou nada sobre comunismo."

Zequinha, além de ser um ótimo violonista, era um bom compositor e letreiro, segundo Lamarque. Tanto que em 1971, antes de Lamarca partir para a região, compôs uma

Em 1963, de férias em Buriti Cristino, Zequinha resolveu não voltar para Garanhuns. Dois anos mais tarde, serviu o exército no Quartel de Quintana, São Paulo, o mesmo onde serviu Lamarca. Já haviam começado as manifestações estudantis contra a ditadura e Zequinha, aluno do Colégio Estadual e Escola Normal Antônio Raposo Tavares (Ceneart), em Osasco, passou a se envolver no movimento.

Em 68, como operário da Cobraisa, fabricante de material ferroviário em Osasco, lidera os companheiros na resistência à tomada da fábrica pelos policiais militares. Era Dia do Trabalho. Enquanto a tropa avança, ocupando o local, Zequinha corre ao depósito de gasolina e ameaça explodir a fábrica com um tocha. Em meio à correria dos operários, é preso e espancado. Foram 98 dias na cadeia.

Solto, vai a Buriti Cristino, mas logo volta para São Paulo, dessa vez, para o Exército. Militante do Vanguarda Popular Revolucionária, continua na luta contra o regime militar. Os dois irmãos voltam para Buriti em virtude da doença da

mãe. No fim de 69, Zequinha vai para o Rio de Janeiro e Odeirio retorna a São Paulo.

Já como militante da Vanguarda Armada Revolucionária - Palmaras, no início de 1970, Zequinha decide voltar ao sertão baiano para montar um foco de resistência e realizar um trabalho de conscientização política no local. No dia 29 de junho de 1971, Lamarca chega ao campo. Menos de três meses depois, em 17 de setembro, os dois são encarcerados e mortos.

Nos primeiros anos após a erradicação do foco guerrilheiro, o Governo tomou cuidados e passou a levar alguns benefícios às cidades encarceradas Brotas, por meio de verbos públicas e propostas para montar apagar os resquícios de

Em 68, liderou os companheiros em uma greve na fábrica onde trabalhava, em Osasco. O resultado foi sua primeira prisão, que durou 98 dias

O abandono oficial permitiu à população de Brotas e adjacências respirar e reconstruir o passado. Os parentes, amigos de infância e juventude de Zequinha começaram a transmitir para os filhos e netos outra história: a de um jovem alegre, culto, que pregava a luta pela justiça social, amgo de todos, que morreu injustamente. Todo povo gosta e precisa de heróis e a população de Brotas encontrou um novo herói. Essa nova história espalhou-se pelo rasilho de pólvora entre as montanhas da Chapada Diamantina, alcançando cidades, vilas e roças, correspondendo por aqueles que aprenderam a admitir Zequinha, ou simplesmente ouviram falar e passaram adiante.

Samuel Crisanto era menino no Buriti Cristino quando Zequinha foi morto, o hoje é vereador eleito de Brotas de Macaúbas. Em uma frase, sintetiza o que pensa muito a respeito do conterrâneo: "Se Zequinha estivesse vivo, na certa já teria sido governador, ministro, quem sabe até Presidente da República".

Música de Zequinha em homenagem a Lamarca

Venho para lá dizer Que fui bem longe Sem perceber Buscar a paz que estava junto a ti

Venho de tristeza e dor O tempo todo vi pensei no amor E ele era você

Chego e venho para ficar Estou cansado, quero repousar Tranquilamente ser seu ideal Para saber se a sonho é sempre bom

Um sonho lindo sem te despertar E assim posso cantar de cor Esse amor gravado ser bem maior Pra encher os olhos teus e o coração Eu penso para mim dizer No dia em que você voltar pra mim

Mas, se depois eu acordar de um sonho bom E descobrir que a ilusão Nada mais foi que um lugar comum Fico sonhando para lá dizer Que a minha vida, valha o que valer, Não vale nada sem você

1971

Astronômico

Lançamento da primeira estação orbital, a soviética Salyut. Criação, no Brasil, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

Cinema

Estreiam "Laranja Mecânica" de Stanley Kubrick, "Encurralado", o primeiro filme de Steven Spielberg, e "Morte em Veneza", de Luchino Visconti.

Esportes

O Brasil conquista 9 medalhas de ouro em um total de 26 no Pan-americano de Cali, na Colômbia.

Música brasileira

Caetano Veloso lança a música "London, London". Chitinhozinho e Xororó gravam "Moreninha Linda".

Elis Regina grava "Black Is Beautiful". Papeter estreia com o disco "Mauera, Prio-Prio, Mauera". Gilberto Gil lança "Expresso 2222". Hermeto Paschoal grava "Gaio da Roseira". João Gilberto lança "De Conversa em Conversa". Os Mutantes lançam o disco "Mardim Elétrico". Raul Seixas grava "Let Me Sing, Let Me Sing". Roberto Carlos grava "Debaixo dos Caracóis dos Seus Cabeços". Tim Maia lança "Não Quero Dinheiro (Só Quero Amor)". Vinícius de Moraes lança "Birdie em Rapaz".

Música

O disco mais vendido nos EUA segundo a Billboard foi "Jesus Christ Superstar", de vários artistas. A banda inglesa Led Zeppelin lança o

clássico disco "IV", com o maior sucesso do grupo, "Stairway to Heaven". Os Rolling Stones lançam o álbum "Sticky Fingers". John Lennon faz sucesso com "Imagine". É lançado o disco pós-um "True", de Janis Joplin. "Have You Ever Seen The Rain", música do grupo norte-americano Creedence Clearwater Revival, alcança o topo das paradas mundiais.

Literatura

O chileno Pablo Neruda ganha o Prêmio Nobel de Literatura. João Ubaldo Ribeiro lança "Saracote Getulio" e Ariano Suassuna publica "O Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta".

Política

O então sociólogo Fernando Henrique Cardoso publica "Política e Desenvolvimento em Sociedades Dependentes". Antônio Carlos Magalhães é eleito governador do estado da Bahia.

Óbitos

Igor Stravinsky, compositor russo, autor de "O Pastore de Fogo" e "A Saqueação da Primavera". Anísio Teixeira, educador. Nikita Krushchev, estadista russo. Louis Armstrong, trompetista norte-americano. Jim Morrison, vocalista do grupo norte-americano The Doors.

Futebol

Pelé joga a última partida pela seleção brasileira contra a Jugoslávia. O Atlético Mineiro conquista seu primeiro e único título de campeão brasileiro na primeira edição do campeonato.



"Eu sempre disse que quem matou os dois não foi o exército mas a ajuda do povo, a maioria por medo" - Olderico

A saga de um sobrevivente



Para ligar a ignição da Toyota que o leva aos garimpos, Olderico Campos Barreto usa a mão esquerda, embora não seja canhoto. É que o dedo indicador da mão direita foi estilhaçado por uma bala no tiroteio no Buriti Cristalino, há quase 30 anos, e não tem força nenhuma. Na face direita, uma grande cicatriz é a herança de outro dos balas que recebeu o único sobrevivente do grupo que estava no Buriti quando o repressão fechou o cerco, na noite de 28 de agosto de 71.

Olderico foi ferido, preso, torturado, perdeu dois irmãos e teve o pai violentamente agredido. Condenado, passou mais de dois anos num presídio em Salvador e depois viveu 17 anos em São Paulo trabalhando no metrô da cidade. Voltou ao sertão baiano no final da década de 80 e hoje, aos 52 anos, coordena o movimento dos pequenos garimpeiros na Cooperativa Agrícola Sem Fronteiras, da qual é o gerente executivo.

ENTRE + VISTA

parentes e lá convivi com cooperativas e cooperativados. Vi coisas bonitas no grupo agrícola e isso alimentava em mim a vontade de transportar para cá aquela experiência de vida.

Fleury e Cerqueira não teriam dito se não fosse a população de toda a região. O Estado sabe trabalhar a pobreza, a ignorância e daí retirar o que deseja. Depois da ação Piquetara, o exército veio amenizar os danos trazendo sacolas de alimentos. Lembrou-me de uma garota que, ao receber uma lata de leite, perguntou se aquilo era alguma troca em nome da matança no Buriti. Ela não achava aquilo certo e devolveu a lata.

de ter sido ferido. Temei uma rajada de tiros que me pegou na mão e no rosto e me tirou os sentidos por algum tempo. A minha atitude de atrair contra os homens que cercavam a casa de meu pai não foi de resistência, mas uma forma de avisar o pessoal que estava no acompanhamento. Foi preso, passei a ser torturado e brutalmente espancado num processo que foi ficando cada vez mais sofisticado.

diziam da divulgação da imprensa ficou difícil me apagar. Então, entreguei à justiça e montaram o processo contra mim com mais de 700 páginas.

Campus - Por quantos anos viveu preso?

Olderico - Dois anos e dois meses. Foi enquadrado nos artigos 25 (resistência armada e terrorismo) e 26 (resistência ferindo alguém) da Lei de Segurança Nacional, que davam 13 a 30 anos de prisão. Depois de testemunhar, mudaram para o artigo mais brando, que dava de dois a cinco anos de prisão. Em 1979, com a anistia, anularam o meu processo.

Campus - Você ficou quanto tempo em seu pai?

Olderico - Encontrei meu pai no dia do sepultamento de Zequinha. Ele não veio, se não me encontrei, no dia 26 ou 25 de setembro. Fui lá sozinho, alguém da família deve estar presente. Chamearam meu pai para Salvador e permitiram que ele me visitasse. Faltou dois dias e tinham matado Zequinha. Ele me visitou as duas pernas da calça me mostraram os ferimentos que estavam cicatrizados. Então, tudo certo, resultado dele não se notou, perdurando lá em Buriti. Meu pai me visitou na prisão no dia 10 de março de 72 quando foi transferido de quartel para a penitenciária.

Campus - Seu pai tornou-se a pessoa anarquista pelo episódio?

Olderico - Ele era um homem que não via maldade no ser humano, militares o enganavam, falando que não eram do esquadrão da morte, eram contra a tortura e estavam dando um bom tratamento. Quando fui visitá-lo, eu fiquei muito preocupado com o fato dele estar cego de aquelas pessoas, sem informação de mais do que os ferimentos. Meu pai foi uma das pessoas que não caiu na realidade. Morreu sem entender o que aconteceu. Tinha uma ingenuidade também contra a muitas pessoas dessa região do sertão.

Campus - O episódio Lamarca troux alguma mudança na postura a população local?

Olderico - A ingenuidade não mudou as pessoas ainda não identificam falta de caráter de um mau político. Mas não generalizo. Hoje temos de levar de jovens que se interessam por cinema, literatura, música, teatro e política, têm outra consciência. São alguns exemplos, apesar de esta não ainda bem longe do desejado.

Campus - Os seus dois irmãos estão mortos, mas onde estão enterrados?

Olderico - Esta é ainda uma grande luta. Percorri todos os lugares possíveis e imagináveis em Salvador para ter notícias, mas eu não há qualquer registro de onde eles possam ter sido enterrados, se é que foram enterrados. Meu pai foi chamado de Zequinha. Mas não viu os corpos. E a lugar deles é lá no cemitério do Buriti Cristalino, ao lado do meu pai e outros parentes.

Campus - Qual a sua opinião sobre a situação atual da região de Brotas de Macaúbas?

Olderico - Um agricultor, na época dos anos 60, me disse uma frase que ficou marcada em minha memória e me ajudou no processo de formação política. "Se eu vir um pobre comendo alguma coisa aqui, no mês de novembro, eu vou na boca dele para ver". Ele vivia numa região onde o pessoal plantava o feijão de coroa e imuniza a semente com mel de fumo para não comê-la, porque se ele comer, não planta. É uma realidade bruta, pouca coisa mudou no campo econômico por aqui. Estamos lutando contra esse sistema de coisas, pensando numa vida nova, num sistema novo.

Campus - De que forma?

Olderico - Tenho procurado materializar isso reunindo as pessoas na cooperativa, que já envolve, diretamente, pelo menos 50 famílias. Hoje temos o reconhecimento local, é até internacional e somos a única região onde ainda se pode recorrer ao subúrbio sem o perigo de sermos expulso ou preso. Nas áreas vizinhas a Oliveira dos Brejinhos, as comunidades não lutaram, não criaram cooperativas e não trabalham para nenhum homem de lenha onde tradicionalmente tiravam a subsistência.

Campus - Você tinha uma vida estável em São Paulo. Por que, então, a decisão de voltar a Brotas?

Olderico - Quando morri em São Paulo, todo o ano ia para a região de Araponga, no Paraná, onde tenho

Campus - São Paulo não lhe atraiu como uma opção de vida e até mesmo política?

"Mas uma coisa me marcou: o fato de pessoas terem trocado a vida de gente por dinheiro"

Olderico - Se eu tivesse ficado em São Paulo, trabalhando no metrô, poderia até me aposentar com um dinheiro razoável, ter uma casa ou um apartamento de classe média. Também poderia ser um militante sindical, lutando pelos metrôviários, mas minha participação não teria causado maiores impactos. Aqui, há uma necessidade de se garantir algo para o povo desta região, cujo sonho está se materializando. O meu projeto pessoal de vida, não sei até quando, é desenvolver esta cooperativa nos campos econômico, social, político e cultural.

Campus - Como é a sua relação com as pessoas da região que delataram Zequinha e Lamarca?

Olderico - O que sinto aqui na região é que as pessoas foram possuídas pelo medo e o homem com medo não faz nada que precise. Se você tiver medo de montar um animal, com certeza não. O regime militar criou uma condição de medo e de terror na região e, por isso, não culpo ninguém. Mas uma coisa me marcou: o fato de pessoas terem trocado a vida de gente por dinheiro. Nosso preceito fazer isso, se degrade por medo ou por dinheiro.

Campus - Você considera todo o episódio esclarecido?

Olderico - Eu sempre disse que quem matou os dois não foi o exército mas a ajuda do povo, a maioria por medo. Quando li os jornais e os relatórios secretos sobre o caso, percebi que

Campus - Você nunca pensou em entrar para a política?

Olderico - Não disatamente. Nos precisamos da participação de todos. Então, minha função é, em vez de ser vereador, trabalhar com todas as correntes políticas e ajudar a Cooperativa, por exemplo, funciona num processo pluralista e seu estatuto não discrimina sexo, cor, partido político ou religião.

Campus - Como foi a sua entrada no movimento revolucionário? Foi por meio do seu irmão?

Olderico - Na década de 60 eu tinha 18 anos e lá sobre a prisão de Zequinha em Olasco (SP), isso me gerou uma curiosidade, um sentimento político muito forte, vontade de participar e de entender. As cartas de Zequinha eram lidas por toda a população, todos sentiam saudades dele. Por que prenhez de torturar um homem desarmado, conhecia latim, desafiava um violão como ninguém, brincava? Quando o via em São Paulo, ligado a seniores culturais e universitários, discordando de uma política de ditadura, com propostas de educação, de melhorias e criticando esse estado de coisas que faz o homem sair daqui da Bahia para ir amassar dinheiro lá em São Paulo, claro que eu comecei a me interessar por essa questão.

Campus - Como foi a sua prisão?

Olderico - Foi dentro de casa, depois

Campus - Como assim, um processo mais sofisticado?

Olderico - Eles passaram a utilizar produtos químicos. Perguntavam se eu ia colaborar, se queria um tratamento de aquecimento ou um tratamento de gelo, jogaram gasolina na mão aberta pelos tiros. O rosto, costuraram na marra, num anestésico nenhum. Sentiam prazer fazendo essas coisas.

Campus - Eles te davam folga em algum momento?

Olderico - Eu fui tratado simultaneamente por duas equipes que achavam que a outra era bunda mole. Quando a equipe de São Paulo me soltava eu estava quebrado, então vinha a do Rio de Janeiro. Havia uma disputa entre elas para ver quem conseguia mais informações. Mas finalmente eu saí dali inteiro, o corpo todo quebrado, mas não a mente. Depois de 49 dias no hospital da vida militar aqui em Salvador fui encaminhado para um local onde estavam vários presos políticos.

"Jogavam merloteio na mão aberta pelos tiros. O rosto, costuraram na marra, sem anestésico nenhum"

Campus - Quando você voltou para o sertão continuaram a te torturar?

Olderico - Não. Ai já foi outro processo. Ai eu soube, através de militares que tinham simpatia por Lamarca, que tive minha vida ameaçada. Mas,